



Universidade de Brasília – UnB/MEC
Pós-graduação em Letramentos e práticas interdisciplinares nos
anos finais (6° ao 9°)

TAYANE TÁSSIA RIBEIRO GOMES

O papel dos gêneros textuais no letramento de
jovens e adultos

Brasília, 2015

TAYANE TÁSSIA RIBEIRO GOMES

O PAPEL DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO LETRAMENTO DE JOVENS E
ADULTOS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6^a a 9^a série) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares.

Orientador: Prof. Dr. André Lúcio Bento

Brasília, 2015

O PAPEL DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO LETRAMENTO DE JOVENS E
ADULTOS

TAYANE TÁSSIA RIBEIRO GOMES

Projeto aprovado em 5 de dezembro de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. André Lúcio Bento (orientador)

Prof. Me. Cristiano de Souza Calisto (examinador)

Prof. Ma. Renata Antunes de Souza (examinadora)

*“Quem decodifica dá a ver o texto; quem lê dá a ver uma parte
de si mesmo...”*

(Daniela B. Versiani; Eliana Yunes e Gilda Carvalho)

Agradeço...

A Deus, por mais uma conquista.

À minha família, pelo carinho e pelo apoio em todos os momentos.

Ao Professor André Lúcio Bento, meu orientador, por todo aprendizado compartilhado, pelo incentivo, pela dedicação e paciência em todo o processo.

E aos meus alunos, que foram fonte de inspiração e contribuíram para a realização desta pesquisa.

Resumo

O mundo moderno é cada vez mais exigente, o que cobra do homem contemporâneo múltiplos letramentos. E a educação formal abre muitas portas para esse mundo moderno. Por isso, ela é para todos, inclusive para os jovens e adultos que não concluíram o estudo no tempo regular. Esses alunos, independentemente de quais sejam os motivos que os levam novamente à escola, têm o direito de usufruir de um ensino voltado às suas necessidades e, pedagogicamente, adequado à sua faixa etária. Assim sendo, esta pesquisa teve como escopo buscar alternativas que viabilizem o letramento simultâneo de jovens e adultos, uma vez que a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é muito heterogênea em relação ao perfil de alunos, pois, em uma mesma turma, encontram-se jovens, adultos e idosos, cujas necessidades e motivações são também diversas. A pesquisa teve como metodologia o estudo de caso etnográfico com a abordagem qualitativa. Realizou-se um trabalho com gêneros textuais em duas turmas do 8º ano, tendo como pressuposto que os gêneros possibilitam, concomitantemente, atingir os objetivos do componente curricular de Língua Portuguesa dessa etapa de ensino e atender ao público diversificado de alunos. Após as atividades desenvolvidas, percebeu-se que, pela dinamicidade e pelo caráter social dos gêneros, o letramento na EJA é favorecido e, além disso, há uma aproximação dos grupos por meio da troca de experiências e de conhecimento.

Palavras-chave: letramento; gênero textual; Educação de Jovens e Adultos.

Lista de ilustrações

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo.....	13
Quadro 1 – Estrutura curricular.....	21
Quadro 2 – Mudança de paradigma.....	24
Quadro 3 – Diferenciação entre gênero e tipo textual.....	27

Sumário

Introdução	8
Capítulo 2: Gêneros textuais e letramento sob a perspectiva da Educação de Jovens e Adultos	12
2.1 Os progressos e os retrocessos da alfabetização	12
2.2 Competência leitora	16
2.3 Breve retrospectiva da Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	18
2.4 Gênero textual.....	23
2.4.1 Uma abordagem histórica	23
2.4.2 Conceituando os gêneros textuais	26
Capítulo 3: Contextualização da pesquisa	31
3.1 Campo de investigação	31
3.2 Metodologia	32
3.3 Análise dos dados	36
3.3.1 Primeira coleta de dados.....	36
3.3.2 Segunda coleta de dados.....	41
Considerações finais	44
Referências bibliográficas	47
Anexos	50
Anexo 1	50
Anexo 2.....	69

Introdução

A educação, em todas as suas modalidades de ensino, vem exigindo novos paradigmas pedagógicos. No entanto, alunos e professores vivenciam um grande embate, por um lado buscam se adaptar, por outro, apresentam resistência para aceitar o novo. É interessante destacar que uma das lutas constantes é inserir a escola na realidade do aluno, para que ele sinta que a escola é uma extensão da sociedade, que exerce influência sobre ela e que por ela é influenciada. Mas, infelizmente, o que se observa, quase sempre, é uma escola à parte dessa realidade. Enquanto, o mundo progride de forma tão acelerada, que o novo de ontem já é ultrapassado hoje; o novo na escola, muitas vezes, não tem nem espaço. Assim, as teorias e as propostas de práticas inovadoras ficam no âmbito acadêmico, não chegam à sala de aula.

Pretende-se, portanto, levar as discussões acadêmicas para a práxis da escola, defendendo a ideia do professor como pesquisador da sua própria prática pedagógica.

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

Então, com o intuito de atuar como um professor pesquisador, os problemas constatados em sala de aula – em turmas da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) –, tais como evasão, juvenilização da EJA, dificuldades didáticas devido à heterogeneidade da faixa etária dos alunos, motivaram a pesquisa sobre *“O papel dos gêneros textuais no letramento de jovens e adultos”*.

A juvenilização¹ é um processo que está modificando o perfil da EJA e apresentando novos desafios aos professores. Por isso, a proposta desta pesquisa é buscar alternativas que possibilitem o ensino de Língua Portuguesa de forma satisfatória e produtiva para os dois grupos de alunos (jovens e adultos), cujo “resultado esperado é o desenvolvimento do potencial comunicativo do aluno, e o conseqüente fortalecimento de sua capacidade cidadã na sociedade moderna, essencialmente letrada” (KLEIMAN e SEPULVEDA, 2014, p. 11).

Assim,

o que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a sua prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46).

Em busca de novas estratégias, espera-se:

Objetivo geral:

Analisar como os gêneros textuais podem favorecer o letramento em Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e auxiliar na aproximação dos dois grupos de alunos.

Objetivos específicos:

- Refletir de que modo o trabalho a partir dos gêneros textuais presentes no dia a dia dos alunos pode incentivá-los na leitura e na produção de textos.
- Discutir a importância dos gêneros textuais no desenvolvimento da compreensão interpretativa e inferencial.
- Analisar como os gêneros podem contribuir para que o ensino de jovens e adultos seja interativo e produtivo.

Por conseguinte, pretende-se promover o letramento em Língua Portuguesa, simultaneamente, entre jovens e adultos, considerando todos os letramentos que os alunos já possuem, pois:

Quando um jovem ou um adulto frequenta um curso de EJA, traz consigo uma história de leitura de mundo bastante diferente daquela da criança que chega à escola formal. Isso significa não só um estado de compreensão do mundo que o cerca, mas que, muitas vezes configura o estabelecimento de preconceitos que podem prejudicar o

¹ Esse processo consiste na migração de alunos do Ensino Regular, adolescentes, para a modalidade da EJA.

seu próprio futuro como leitor e agente social (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 143).

Por isso, o educador da EJA, além de ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem, precisa trabalhar em função da desconstrução da discriminação que permeia essa modalidade de ensino, e da construção com esses alunos de uma relação de empoderamento, para que eles se sintam encorajados, capacitados e se apropriem do direito que eles têm de serem estudantes, de desfrutarem de uma educação de qualidade, libertadora e adequada às vivências que já possuem.

Para se efetivar a pesquisa, utilizou-se a metodologia qualitativa, do tipo interpretativista, constituindo-se como um estudo de caso etnográfico, uma vez que o observador atuou como participante, a pesquisa foi realizada em um contexto delimitado, e os dados analisados foram coletados no ambiente de interação da sala de aula. O estudo de caso etnográfico

[...] fornece uma visão profunda, ampla e articulada de uma unidade social complexa, possui a capacidade de retratar situações vivas do dia-a-dia, clarifica os vários sentidos do fenômeno estudado e, com isto, é considerado relevante na construção de novas teorias e no avanço do conhecimento (ANDRÉ, 1995, *apud* MARTUCCI, 2001, p. 9).

A coleta de dados se deu por meio de duas atividades de produção textual, uma individual e a outra em grupo. Buscou-se o trabalho com gêneros textuais, pois possibilitam uma aprendizagem multidisciplinar.

Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Para se alcançar os objetivos delimitados, a pesquisa teve a seguinte organização:

- Capítulo 2 – *Gêneros textuais e letramento sob a perspectiva da Educação de Jovens e Adultos* – discussão sobre os gêneros textuais, baseando-se, principalmente, na teoria de Marcuschi (2008). Este capítulo aborda também a questão do analfabetismo e do letramento, tendo como enfoque central a educação de jovens e adultos. Além disso, sob a perspectiva, especialmente, de Versiani, Yunes e Carvalho (2012), apresenta uma reflexão em relação à competência leitora.
- Capítulo 3 – *Contextualização da pesquisa* – explanação sobre a organização do estudo, especificando-se o campo de investigação e a metodologia aplicada, cujo enfoque principal é nas teorias de Bortoni-Ricardo (2008) e André (1995). Este capítulo engloba, ainda, a descrição e a análise dos dados coletados.
- Capítulo 4 – *Considerações finais* – ponderação sobre os resultados alcançados, avaliando se os objetivos definidos foram obtidos por meio da metodologia utilizada, e se o pressuposto do estudo foi confirmado
- Capítulo 5 – *Referências bibliográficas* – seleção de obras que deram embasamento teórico à pesquisa.
- Capítulo 6 – *Anexos* – compilação das atividades que foram desenvolvidas e das produções dos alunos.

Capítulo 2

Gêneros textuais e letramento sob a perspectiva da Educação de Jovens e Adultos

2.1 Os progressos e os retrocessos da alfabetização

Um país que proporciona educação de qualidade dá ao seu povo a esperança de mudanças e a perspectiva de um futuro melhor. No Brasil, muitas pessoas ainda veem a educação de qualidade como utopia, pois embora tenham ocorrido mudanças significativas na forma de se compreender e de se oferecer a educação, os problemas que precisam ser superados são muitos – como o despreparo dos alunos que concluem o Ensino Médio; a defasagem e o abandono escolar; o alfabetismo funcional; a desvalorização do educador; entre tantos outros problemas que fazem com que o espírito de caos continue permeando o nosso sistema educacional.

Todos esses pontos levantados são comprovados por diversos meios. Dados da Unesco, por exemplo, mostram que o Brasil encontra-se no grupo do E9 “(grupo dos nove países mais povoados do sul ou em desenvolvimento, e, principalmente, que abrigam o maior número de analfabetos)”².

No teste PISA³, aplicado em 41 países, o Brasil está entre os últimos cinco países com uma nota média inferior a 4 pontos numa escala de 1 a 8. “Isso quer dizer que os alunos com 15 anos (que deveriam estar na 1ª série do ensino médio) só responderam bem cerca de 40% das questões” (MARCUSCHI, 2008, p. 230).

Várias alterações na legislação expandiram os direitos do cidadão, como:

- Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio⁴.

² Site da Unesco <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-all/>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

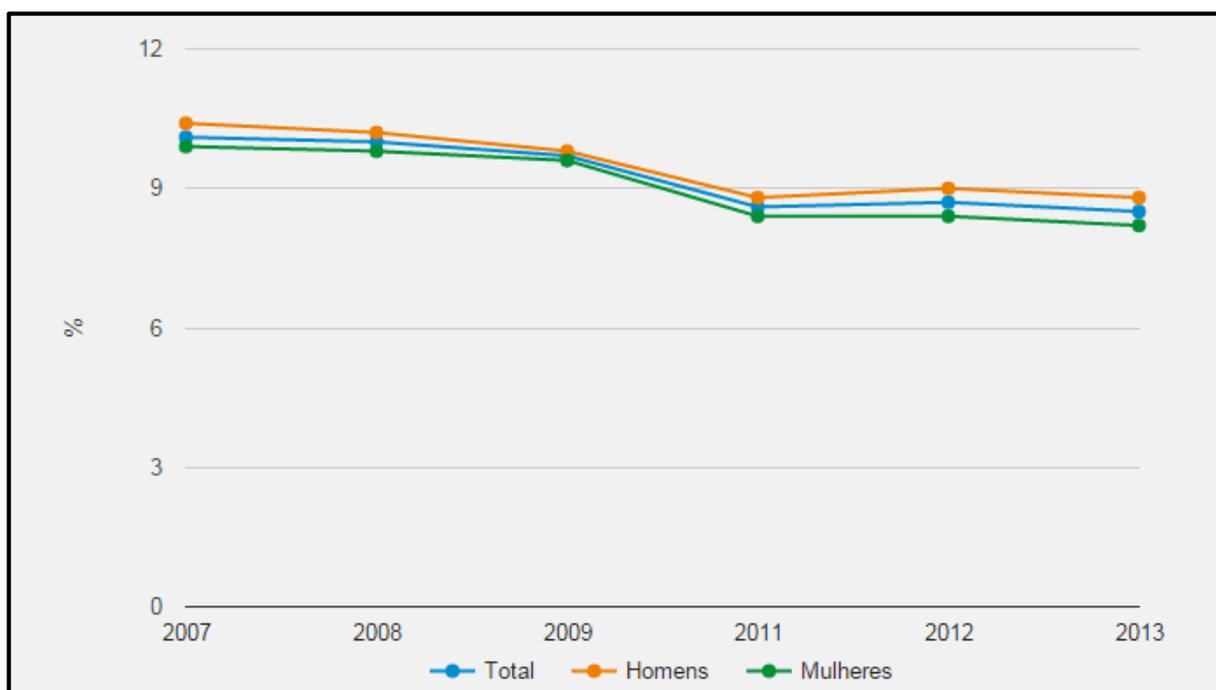
³ O Programa Internacional de Avaliação de Alunos, realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é uma rede mundial de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa etária de 15 anos. Os principais objetivos são: produzir indicadores que contribuem para a discussão da qualidade da educação nos países participantes; permitir a comparação da atuação do estudante e do ambiente de aprendizagem entre diferentes países. Fonte: Portal Inep.

⁴ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, título III, art. 4º, inciso II.

- Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola⁵.
- Obrigatoriedade da matrícula das crianças de 4 e 5 anos de idade na pré-escola (EC nº 59/2009).
- Acesso ao ensino fundamental está quase universalizado.
- Expansão da oferta de Educação Profissional nos últimos anos.
- Redução das taxas de analfabetismo entre jovens e adultos (taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais vem sendo reduzida no Brasil: passou de 12,4%, em 2001, para 8,7%, em 2012 (PNAD 2012).
- Aumento do financiamento da educação (6,4% do PIB).
- Promulgação do Plano Nacional de Educação (2014-2024). (Site da Unesco⁶).

Dados do IBGE também evidenciam esse progresso. Segue um gráfico comparativo que mostra a taxa de analfabetismo no Brasil, no período de 2007 a 2013, da faixa etária de 15 anos ou mais de idade; que é o foco de análise desta pesquisa voltada para Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2013.

⁵ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, título III, art. 4º, inciso VII.

⁶ Site da Unesco <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-all/>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

Constata-se, então, que a oferta de ensino tem sido ampliada. Porém, apesar de se observarem mudanças no quadro educacional do país, os problemas continuam sem solução, principalmente porque são verificadas melhoras quantitativas, e não qualitativas. O número de pessoas que conclui o Ensino Fundamental, e até mesmo o Ensino Médio, aumentou; contudo, cabe o questionamento: com que nível de preparação essas pessoas saem da escola?

Por isso, a questão do alfabetismo funcional é uma preocupação constante, pois não basta a escola alfabetizar os alunos, é preciso ter como objetivo o letramento, para que os índices educacionais também melhorem qualitativamente.

Faz-se necessário mencionar, nesse ponto da pesquisa, que ainda não há um consenso no tocante às terminologias *alfabetismo funcional* e *analfabetismo funcional*.

A expressão alfabetismo funcional começou a ser usada nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, para indicar, segundo Ribeiro (1997, p. 145), “a capacidade de entender instruções escritas necessárias para a realização de tarefas militares”. Portanto, aqui, entende-se que a terminologia mais adequada para especificar as pessoas que não têm proficiência leitora e escritora, mas que sabem compreender questões pragmáticas e do cotidiano, seria alfabetismo funcional.

Já os autores que defendem a terminologia analfabetismo funcional corroboram a definição da Unesco de que alfabetização funcional é aquela:

suficiente para que os indivíduos possam inserir-se adequadamente em seu meio, sendo capazes de desempenhar tarefas em que a leitura, a escrita e o cálculo são demandados para seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento de sua comunidade (SOUSA, 2011, p. 23).

Dessa maneira, o alfabetizado funcional possui diversos graus e níveis de habilidades, conforme define Ribeiro (1997, p. 147), “de acordo com as necessidades impostas pelos contextos econômicos, políticos ou socioculturais”. Então, para os autores adeptos a esse termo, apenas ler compreensivelmente e escrever estruturas simples não caracterizam a alfabetização efetiva, desse modo, a expressão apropriada seria analfabetismo funcional.

Neste trabalho, optou-se por utilizar o termo alfabetismo funcional, em virtude da seguinte abordagem: analfabetismo – quando a competência para ler e escrever não foi desenvolvida; alfabetismo funcional – desenvolvimento básico da compreensão

leitora e da habilidade escritora; e letramentos⁷ – “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler ou escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2004, p. 18).

No *Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2015*, da Unesco, fica claro que o Brasil evoluiu em relação aos números, mas a qualidade desse ensino continua questionável:

No Brasil, o programa de educação de jovens e adultos é dirigido a pessoas a partir dos 15 anos de idade que não completaram a educação formal. Em 2012, mais de 3 milhões de alunos foram registrados, incluindo migrantes, trabalhadores rurais e pessoas em situação de pobreza ou proveniente de famílias da classe trabalhadora. No entanto, a qualidade da educação obtida é deficiente e as taxas de abandono são altas (*Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2015*, p. 27).

A grande questão é que sujeito a escola está formando, porque, ao se referir à Educação de Jovens e Adultos (EJA), observam-se muitos alunos que vão “passando de série”, até mesmo concluem o Ensino Médio, mas não desenvolvem todas as competências esperadas para esse nível de ensino. Percebe-se que cada vez mais a escola está contribuindo para que o índice de alfabetos funcionais aumente.

Leitura é mais do que um processo de decodificação de símbolos. E formar leitores é mais do que colocar livros ou imagens na frente de uma criança ou jovem. Descobrir a leitura é um longo processo, que forma subjetividades. E formar leitores é ajudar pessoas no caminho dessa descoberta, é ensiná-las a gostar de ler, é ser o mediador do prazer que há em se descobrir (no sentido de descobrir a si mesmo) lendo (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 41).

A escola, por meio do professor, deve ter esse compromisso de formar leitores, de promover os diversos letramentos, e não se contentar em ter um aluno apenas alfabetizado, mas que o objetivo seja o aluno letrado, que ele saia da escola preparado para conquistar novas etapas acadêmicas, em suma, para atuar nos mais diversos contextos em que se exige a prática da leitura e da escrita.

⁷Nesta pesquisa, a opção foi pelo uso do termo letramento no plural “para preservar a ideia de que não existe só uma cultura de letramento. Nas comunidades sociais, convivem culturas de letramento associadas a diferentes atividades: sociais, científicas, religiosas, profissionais etc.” (BORTONIRICARDO, 2008, p. 43).

2.2 Competência leitora

Pensar em uma escola menos tradicional, menos conteudista, e mais social é valorizar o efetivo letramento dos alunos. Como explicita Soares (2003), a conquista do letramento é o percurso de sair do apenas “[...] saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita”. E para que o aluno atravessasse esse percurso, é imprescindível o estímulo da competência leitora, pois:

a capacidade da leitura está diretamente ligada à construção do sujeito, àquela competência básica de ele refletir sobre o que conhece e, munido do seu próprio imaginário, recriar, repensar o que está posto (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 19).

O ato de ler vai muito além da decodificação das palavras. Por isso, propiciar que uma pessoa desenvolva a sua capacidade leitora é dar a ela a possibilidade de refletir, de criticar, de opinar sobre o mundo ao seu redor; é dar voz a esse sujeito. A leitura gera contato com a subjetividade (universo da significação, da interpretação, da apropriação do saber), portanto, aquele sujeito que tinha uma percepção sobre o mundo a sua volta tem a possibilidade de “enxergar” esse mesmo mundo de diferentes vieses.

Nesse processo de formação leitora, o mediador é fundamental para despertar o interesse do outro pelo universo dos livros. O professor, ao se apropriar da função de mediador, encontra alguns desafios, como o mencionado no *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*:

Quando uma criança aprende a ler ocorre toda uma mobilização para ajudá-la a constituir-se um sujeito-leitor. [...] Mas... chega o segundo segmento do ensino fundamental e tudo muda. É como se a tarefa de formar o sujeito-leitor estivesse terminada, ou, pior que isso, a leitura passa a ser obrigatória, e nada de criatividade (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 43).

E como defende Pennac (1993, p. 13), “o verbo ler não suporta o imperativo”. Então, a partir do momento que a leitura se torna uma atividade obrigatória, perde-se o prazer, o encantamento obtido nos primeiros contatos com o universo dos livros. Assim, percebe-se que quando os pais e até mesmo os professores, nos anos iniciais,

apresentam a leitura à criança sem ter o compromisso de fazê-la ler, apenas querem que ela aprecie o livro ou a história contada, eles conseguem cativar um leitor. Contudo, quando o papel do professor passa a ser o daquele que cobra uma ficha de leitura, que avalia o que foi lido por meio de uma prova, o processo de cativar o leitor regride, e o livro vai sendo deixado cada vez mais de lado, pois passa a ser associado ao que é chato, cansativo. Além disso, muitas vezes, não se pode ao menos escolher o que vai ser lido, mas tem que ler o que está na lista de leitura obrigatória. Portanto, cabe uma reflexão: “Que pedagogos éramos, quando não tínhamos a preocupação da pedagogia!” (PENNAC, Daniel, 1993, p. 21).

Desproporcionalmente ao processo de motivação da leitura, que vai se enfraquecendo conforme o aluno cresce, outros meios vão ganhando o interesse dele, como a televisão, o *videogame*, as redes sociais, a internet de forma geral; e o livro vai ficando esquecido. Portanto, é fácil achar um “culpado” pela falta de interesse pela leitura, mas é importante lembrar que não são apenas os alunos que leem pouco, os pais e os professores cobram a leitura do adolescente, no entanto, muitas vezes, eles próprios não cultivam esse hábito. Isso dificulta todo o processo de incentivo, porque o primeiro fator para a formação de um leitor é que ele perceba entusiasmo em quem está mediando o processo. Muito mais efetivo que se falar sobre a importância de ler é mostrar como a leitura contribui para que possamos “ler” o mundo e assim pertencer a ele de forma atuante.

Outro ponto a ser realçado no universo da leitura é a necessidade de se explorar a variedade, uma vez que a escola precisa preparar o aluno para que ele esteja apto a ler diferentes linguagens (verbais e não verbais) em diferentes mídias, pois é preciso acompanhar as mudanças do mundo moderno.

Toda essa reflexão a respeito da competência leitora nos leva a outra ponderação: se formar uma criança leitora é difícil, se os Anos Finais do Ensino Fundamental regular já têm uma perda em se tratando da motivação para ler, pensar nisso no âmbito da EJA é mais desafiador, uma vez que a criança vai passar por várias etapas formais e não formais que a possibilitarão mergulhar no mundo das letras, mas os alunos da EJA, em sua maioria, não tiveram a chance de passar por essas etapas. Por isso, pensar em EJA é refletir sobre as questões já impostas à educação e ir além, pois essa modalidade de ensino apresenta as suas próprias peculiaridades. E são as peculiaridades que precisam nortear a dinâmica dessa modalidade, porque os alunos

não têm um longo caminho de descobertas como os alunos do Ensino Regular. Então, por que não dar continuidade ao processo de formação de leitores tendo como ponto de partida a contação de histórias, por exemplo, pois, assim, o professor permitirá uma imersão no universo do aluno, e, ao menos tempo, a emergência do aluno, por poder exteriorizar a sua história, os seus casos, enfim, as experiências e conhecimentos.

Portanto, o desafio dos cursos de EJA é bastante peculiar e requer uma atenção especial para a modificação de um patamar de experiências que muitas vezes soterraram sonhos e possibilidades. É preciso aqui ter um cuidado especial para recuperar histórias de vida e fazer o salto necessário à construção de um novo olhar para o mundo. Nestes, o papel da leitura é mais importante que o da instrução formal (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 143).

É de extrema importância o resgate do aluno da EJA, da sua história de vida, a valorização dos letramentos que já possui, pois somente assim o professor conseguirá adentrar no contexto do aluno, e, então, esse se abrirá para novos conhecimentos e novas possibilidades, ampliando as expectativas, resgatando sonhos e tendo um outro olhar sobre o mundo e sobre si mesmo.

2.3 Breve retrospectiva da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A educação de jovens e adultos já era uma preocupação desde o Brasil colônia, mas era oferecida de forma rudimentar e tinha o caráter apenas religioso. Essa educação ganhou fôlego entre as décadas de 30 e 40, em um período de “desordem do progresso” (BUARQUE, 1992), no qual muitos acontecimentos levaram o país a uma reestruturação política, social, econômica e, também, educacional. Fatores como a industrialização; o fim da ditadura de Getúlio Vargas (1945); o término da Segunda Guerra Mundial; e a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), com o intuito de promover a paz e a cooperação internacional em relação aos problemas sociais, econômicos e humanitários, modificaram o cenário interno e internacional.

O país, então, passou por um processo de redemocratização, cuja educação básica ganhou destaque, pois se percebeu que a nova estrutura do país exigia mão de obra mais instruída, ampliação das bases eleitorais; assim, essa necessidade educacional se estendeu à educação de adultos.

Dessa forma, o primeiro passo para se efetivar a educação para adultos foi a Campanha de Educação de Adultos, em 1947, que visava à alfabetização em uma etapa de três meses. Em seguida, pretendia-se implantar o curso primário em dois períodos de sete meses. Depois viria a etapa de “ação em profundidade”, com o objetivo de capacitar profissionalmente e promover o desenvolvimento comunitário. A campanha gerou resultados significativos, foram criadas escolas supletivas em várias regiões do país. Contudo, na década de 50, a ação foi perdendo espaço, o que levou a sua extinção, mas deixou como fruto a rede de ensino supletivo sob a responsabilidade de estados e municípios. Além disso, trouxe à tona a discussão sobre o analfabetismo e a necessidade de se estabelecer a educação de adultos no Brasil.

O analfabetismo, à época, “era concebido como causa e não efeito da situação econômica, social e cultural do país”⁸. Em consequência, o adulto analfabeto era marginalizado. A fala de uma professora que participou do processo de formação dos educadores da Campanha corrobora essa afirmação:

[...] inadequadamente preparado para as atividades convenientes à vida adulta, [...] ele tem que ser posto à margem como elemento sem significação nos empreendimentos comuns. Adulto-criança, como as crianças ele tem que viver num mundo de egocentrismo que não lhe permite ocupar os planos em que as decisões comuns tem que ser tomadas (*apud* Paiva, 1983, p. 214).

Felizmente, essa concepção preconceituosa foi sendo alterada. Como defende Paulo Freire (1981, p. 13), a alfabetização de adultos é “um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, [...] um ato criador [...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito”. Por isso, os jovens e adultos que não tiveram acesso ao Ensino Regular passaram a ser compreendidos como sujeitos produtivos, que possuem demandas diferentes do público infantil; assim, precisam de métodos pedagógicos também diferentes. Mas, os direitos são iguais, pois, como está dito no art. 205 da Constituição Federal, “A educação, direito de todos e dever do Estado”. Portanto, a educação é para todos, independentemente da idade.

⁸*Educação para jovens e adultos*: Ensino Fundamental, Proposta curricular – 1º segmento. 3ª ed. São Paulo/Brasília: MEC, 2001.

A partir dessa retrospectiva, observa-se o quanto a modalidade de ensino da EJA tem avançado e conquistado espaço, porque, apesar de ser um direito assegurado por lei, essa modalidade, durante muito tempo, era oferecida sob uma concepção “compensatória, assistencialista e de aligeiramento” (JESUS e NARDI, 2011). Contudo, a mudança de concepção possibilitou “o reconhecimento dos jovens e adultos como sujeitos de direitos, em especial, o direito à educação” (JESUS e NARDI, 2011).

A expressão, Educação de Jovens e Adultos, utilizada atualmente para denominar essa modalidade de ensino, oficialmente, foi adotada com a promulgação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996.

A Lei nº 9394/1996 (LDB) apresenta, nos artigos 37 e 38, os seguintes direcionamentos sobre a EJA:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Desse modo, está assegurado por meio da LDB o direito de jovens e adultos ao estudo gratuito e à garantia do acesso, da permanência e da continuidade; estão determinadas a responsabilidade do Estado de oferecer o ensino e a possibilidade de exames que considerem os conhecimentos adquiridos fora do ambiente formal.

Esse reconhecimento da história do aluno é fundamental no processo de imersão no mundo escolar, pois:

Essas pessoas, sujeitos de saberes constituídos nas experiências vividas/vivas, encontram-se à margem do acesso aos bens culturais, sociais, econômicos e de direitos. Pelos mais variados motivos, o retorno para a escola constitui uma possibilidade de aquisição do conhecimento formal com vistas à elevação da escolaridade, possibilidade de ascensão social e econômica ou à retomada de sonhos e projetos pessoais e coletivos interrompidos no passado

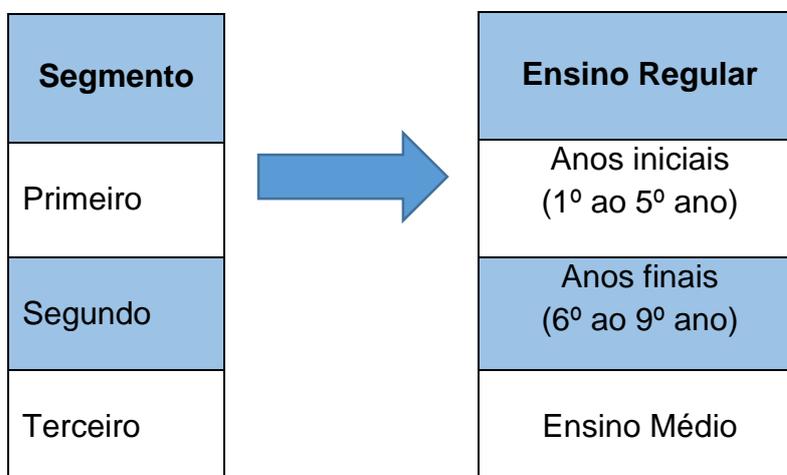
(Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos, 2013, p. 9).

O Currículo da EJA mostra que as especificidades dos alunos jovens e adultos foram reconhecidas e consideradas para se oferecer uma educação que responda às necessidades desse público. Além disso, explicita que:

[...] não existe idade certa ou errada para aprender; a aprendizagem é constante e infinita. Nossos estudantes da EJA não estão aprendendo 'fora' do tempo, mas dando continuidade ao aprendizado e agregando novos saberes aos já existentes (Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos, 2013, p. 10).

Para melhor atender o perfil dos alunos, oriundos da classe trabalhadora, a EJA é organizada em segmentos, cada segmento é dividido em etapas, e cada etapa funciona em regime semestral. Segue a correspondência entre a estrutura curricular da EJA e a do Ensino Regular:

Quadro 1 – Estrutura curricular



Fonte: A própria autora, tendo como base o Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos, 2013, p. 27.

A idade mínima necessária para o estudante ingressar no Primeiro Segmento é de 15 anos de idade⁹. E no Terceiro Segmento, é de 18 anos de idade. Essa faixa

⁹ Em decorrência da juvenilização que vem ocorrendo na Educação de Jovens e Adultos, a idade mínima para se matricular nessa modalidade de ensino tem sido tema de diversas discussões. Dentre muitos problemas gerados, está o fato de muitos jovens concluírem o Segundo Segmento da EJA no primeiro semestre anual, então têm que ficar um semestre sem estudar para prosseguir os estudos ou no Terceiro Segmento da EJA ou no Ensino Médio regular.

etária está estabelecida no artigo 38, § 1º, incisos I e II, da Lei nº 9.394/1996 (LDB) e na Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010, que também versa sobre o tempo de duração dos segmentos.

Em relação aos conteúdos que devem ser ministrados, os professores têm como guia o *Currículo em Movimento da Educação Básica*, voltado para educação de jovens e adultos, que explicita os objetivos a serem alcançados em cada disciplina e os conteúdos de cada etapa do segmento. Então, como o alvo da presente pesquisa é a 7ª etapa do Segundo Segmento, que corresponde ao 8º ano do Ensino Fundamental, os objetivos a serem alcançados nessa etapa com o ensino de Língua Portuguesa são:

- Compreender, interpretar, analisar e produzir diferentes gêneros textuais pertinentes às temáticas de cultura, mundo do trabalho e tecnologias.
- Utilizar como recurso pedagógico de correção textual: o dicionário impresso, o dicionário virtual, *softwares* livres, outros.
- Aplicar *softwares* livres para o enriquecimento vocabular, esclarecimento de dúvidas ortográficas, pesquisa semântica, outros.
- Expor, socializar, argumentar e contra-argumentar textos, situações e circunstâncias sobre as temáticas de direitos humanos, diversidade e sustentabilidade.
- Proporcionar leitura de entretenimento, estudo, pesquisa e outros.
- Promover a prática de planejamento para a produção textual.
- Estabelecer relações entre os conceitos sistematizados e a produção de textos orais e escritos.
- Estudar, organizar e utilizar conhecimentos da língua em atividades de leitura e escrita.
- Promover atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem (*Currículo em Movimento da Educação Básica*, 2013, p. 76).

Dessa forma, esta pesquisa constitui uma proposta de trabalho que segue as orientações do *Currículo*, visando também alcançar os objetivos nele estabelecidos.

Assim, o curso de Língua Portuguesa para alunos da EJA deve, em primeiro lugar, servir para reduzir a distância entre estudante e palavra, procurando anular experiências traumáticas com os processos de aprendizagem da leitura e da produção de textos. Deve ajudá-los a incorporar uma visão diferente da palavra para continuarem motivados a compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vista, assimilar e criticar as coisas do mundo. Deve, também, fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos que retornam à escola para que possam romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, capacitando-os a produzirem respostas aos textos que escutam e

lêem, pronunciando-se oralmente ou por escrito (*Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos – Segundo Segmento do Ensino Fundamental*, 2001, p. 12).

A EJA tem, portanto, o compromisso de resgate, de motivar o aluno a ir além, de possibilitar novas aprendizagens, valorizando suas experiências, vivências e incentivando novas conquistas.

2.4 Gênero textual

2.4.1 Uma abordagem histórica

O conceito de gênero textual não é novo, pois esse termo já era utilizado no campo da literatura. Platão, na sua obra *República*, já apresentava o início da análise dos gêneros, propondo uma organização da literatura: a tragédia e a comédia; a poesia lírica; e a poesia épica. Mas, é com Aristóteles, conforme D’Onofrio (1997), que o estudo dos gêneros ganha uma teoria sistemática – a Teoria dos Gêneros. Surge, assim, a primeira divisão, de fato, das formas literárias: poesias épicas e trágica, e poesias cômica, satírica, lírica, ocasional. A concepção de Aristóteles é pautada na construção do texto a partir das normas estruturais de cada gênero. Contudo, a partir do Romantismo, segunda metade do século XVIII, os gêneros começam a ganhar uma nova característica, pois perdem o aspecto de rigidez, da elaboração formal aristotélica. Assim, novos gêneros são criados. “Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação” (TODOROV *apud* SILVEIRA, 2005, p. 51).

Mas, o grande divisor de águas na compreensão dos gêneros é a teoria dialógica de Bakhtin, que apresenta uma concepção pragmática, tendo como foco a interação verbal. O princípio essencial da teoria é o conceito de *gênero discursivo*, cuja ênfase é no aspecto dinâmico, interativo e dialógico do enunciado; “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN *apud* SILVEIRA, 2005, p. 66). Dessa forma, Bakhtin influenciou decisivamente os estudos e as abordagens sobre a teoria dos gêneros, uma vez que mudou o enfoque do código (análise da língua como sistema) para o *dialogismo* (princípio básico da linguagem humana). Assim, os estudos passaram a ter uma abordagem sociointeracional,

enfatizando a dinamicidade da linguagem e o aspecto social e de interação, pois todos os enunciados são gerados pela ação contínua do diálogo. Por isso, “aprender é uma forma de estar no mundo com alguém, em um contexto histórico, social e institucional” (BRASIL, 1998, p. 57, *apud* MARTINS, 2008).

Observa-se, portanto, que o entendimento em relação ao conceito e à funcionalidade do gênero foi sofrendo alterações de acordo com as antigas e novas demandas, por isso o tema tem sido motivação para diversos estudos. Essa amplitude se justifica pela transformação que vem ocorrendo no ensino de Língua Portuguesa e, principalmente, na compreensão do funcionamento da língua e na percepção do falante como agente social.

O movimento funcionalista é um dos grandes responsáveis pela mudança no modo de entender e estudar um sistema linguístico, pois trouxe novas perspectivas, em contraposição ao projeto meramente formalista, que ainda influencia as práticas de ensino.

Quadro 2 – Mudança de paradigma

Visão formalista	Visão funcionalista
Estudo da língua de forma descontextualizada.	Recontextualização da língua.
Valorização do aspecto sintático.	Valorização: <ul style="list-style-type: none"> • do léxico; • dos aspectos socioculturais; • da interação; • da visão cognitiva.

Fonte: A própria autora, com base no texto de Marcuschi, 2006, p. 16.

A perspectiva funcionalista permite que a linguagem seja “vista como um conjunto de atividades e uma forma de ação” (MARCUSCHI, 2006). Assim sendo, o estudo dessa linguagem não pode se dá de maneira fragmentada: gramática, literatura, texto; pelo contrário, esses três elementos estão interligados e convergem para a compreensão da língua, partindo dela e para ela, tendo como foco a ação – produção de quem fala ou escreve, percepção do ouvinte ou do leitor. A língua é uma manifestação cultural, uma atividade social; e o seu estudo também o deve ser, por isso a funcionalidade da abordagem sociointeracionista.

Segundo a teoria sociointeracionista de Vygotsky, o desenvolvimento humano tem como pressuposto “um organismo ativo cujo pensamento é constituído em um ambiente histórico e cultural” (MARTINS, 1997, p. 114). Dessa forma, o estudo da linguagem tem que se basear no aspecto cultural, social e interativo. E o gênero textual, sendo uma forma de ação social, corrobora essa teoria.

De acordo com Lopes (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 54), “um dos objetivos gerais do ensino do Português é desenvolver a competência da comunicação”, pois o falante, ao estudar a sua língua materna, visa melhorar o seu desempenho, principalmente no campo da escrita. Logo, é sob esse enfoque que o professor deve fundamentar as suas aulas.

O professor de Língua Portuguesa precisa colocar em prática a ideia de que não está ensinando uma língua para o aluno, mas, sim, refletindo com ele as possibilidades de uso da sua língua.

As *Orientações Curriculares para a EJA* reforçam essa ideia, definindo como objetivos gerais do componente de Língua Portuguesa no segundo segmento do Ensino Fundamental:

A etapa complementar representa um momento da ação educativa em que se torna possível ao educando, em função dos conhecimentos adquiridos e das vivências realizadas nas etapas anteriores, ampliar habilidades, conhecimentos e valores que permitem um processo mais amplo de participação na vida social. Seus conhecimentos e usos da leitura e da escrita devem permitir que leiam com desenvoltura textos de uso freqüente de circulação pública, tais como notícias, reportagens, entrevistas, histórias, didáticos etc., estabelecendo relações apropriadas entre um texto e conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores; que utilizem textos de instrução de organização da vida diária, tais como fichas, registros, agendas, anotações etc. Por outro lado, sua escrita, deve ser utilizada com propriedade (mesmo que desconhecendo aspectos formais da modalidade em questão) nas interlocuções interpessoais, em situações de estudo, da vida profissional e de intervenções públicas (*Orientações curriculares: expectativas de aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos*. São Paulo: 2007, p. 51).

Discussões a esse respeito estão sendo defendidas e difundidas há bastante tempo, porém, ainda são encontradas muitas barreiras, principalmente no momento de colocar a teoria em prática. Uma das propostas para ultrapassar as barreiras impostas e tornar o ensino de Língua Portuguesa nas escolas, de fato, funcional – defendida inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – é o trabalho com

os gêneros textuais, visto que “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Percebe-se, então, uma trajetória de mudanças no ensino, cujo intuito é promover aprendizagens contextualizadas; contudo, essa trajetória tem ficado mais na teoria que na prática. Até mesmo a noção do ensino fragmentado (por disciplinas) vem perdendo espaço para a noção de ensino interligado (pluri, multi, inter e transdisciplinaridade), porém esses conceitos estão mais no âmbito da reflexão, do contexto acadêmico, que propriamente sendo aplicado em sala de aula.

2.4.2 Conceituando os gêneros textuais

A concepção moderna do ensino de Língua Portuguesa e da nova forma de se fazer educação torna imprescindível conceitos como a transdisciplinaridade, a intertextualidade; conceitos esses tão atuais, mas que de forma incipiente já estavam presentes na teoria de Bakhtin. Como afirma Cunha (1997, *apud* Silveira, 2005, p. 60):

a reflexão bakhtiniana não se limitou à literatura e à lingüística, mas fez incursões em diversos domínios – sociologia, psicologia, epistemologia, história da cultura, antropologia filosófica, etc. – de modo que, para o autor, não se pode pensar numa lingüística desvinculada das ciências humanas.

Assim, o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula possibilita a compreensão transdisciplinar. De acordo com Marcuschi (2008), o gênero textual engloba os níveis cultural, cognitivo, social, textual, de organização social e retórico, uma vez que representa a língua nas variadas formas de uso no dia a dia. Essa abrangência do conceito de gênero textual o torna inerente ao entendimento da língua. Assim, a natureza discursiva do gênero se constitui como instrumento para a ação comunicativa, pois, conforme a visão bakhtiniana:

[...] para possibilitar a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediários entre o enunciador e o destinatário, a saber, gêneros (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 212).

Observa-se que o conceito de gênero se torna cada vez mais usual no estudo da língua pelo fato de valorizar a funcionalidade em detrimento da forma, pois não

constitui modelos rígidos; pelo contrário, é dinâmico, mas gera escolhas direcionadas pelo léxico, pelo grau de formalidade ou pelos temas. Dessa forma, segundo Devitt (1997, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 156), o gênero agrega ao mesmo tempo o aspecto de padronização e de escolhas/criatividade.

Essa característica de funcionalidade é um dos principais pontos que diferencia gênero de tipo textual – termos que muitas vezes são usados erroneamente como sinônimos. Seguem os critérios que os definem:

Quadro 3 – Diferenciação entre gênero e tipo textual

Gênero textual	Tipo textual
Textos materializados em situações comunicativas.	Sequências linguísticas de textos materializados.
Diversas designações, constituindo em princípio listagens abertas.	Narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.
Função (propósito, ação e conteúdo).	Aspectos linguísticos e estruturais.

Fonte: Elaborado pela autora com base na definição de Marcuschi (2008).

É importante destacar que tipos e gêneros textuais não formam uma dicotomia, pelo contrário, são complementares. Em síntese, o tipo está relacionado a questões estruturais do texto: léxico, estrutura sintática etc.; já o gênero, ao contexto comunicativo, à finalidade do texto.

Apesar do caráter volátil, a opção por um ou outro gênero na ação discursiva não é aleatória, mas determinada por objetivos específicos, como o contexto, o interlocutor, a intenção, o grau de formalidade, enfim, vários fatores relacionados à atividade comunicativa definem o gênero que será utilizado. Destaca-se, também, a “*intertextualidade tipológica*”¹⁰, que é a hibridização ou mescla de gêneros textuais, que reafirma o caráter dinâmico e social dos gêneros, mostrando que o interlocutor tem liberdade para escolher o gênero que irá utilizar, a escolha depende do contexto situacional da comunicação.

Na dimensão cultural, a opção por um gênero específico reflete o contexto no qual o sujeito está inserido. E a escola não deve negligenciar essa diversidade cultural.

¹⁰ Denominação adotada pela linguista Ulla Fix (1997, p. 97).

Muitas vezes, ela “fecha o leque de escolhas” do aluno, valorizando alguns gêneros, e anulando a variedade cultural, social, enfim, toda a heterogeneidade do aluno.

Essa heterogeneidade está cada vez mais presente em sala de aula, não apenas pelo letramento que o aluno já apresenta, pelas experiências e vivências trazidas do seu meio, mas também pelas constantes mudanças no mundo globalizado. Desse modo, a escola, que está a serviço da sociedade, precisa acompanhar essas mudanças, para que o aluno sinta a escola como uma extensão do seu mundo, e não como algo à parte.

A explanação acima é para que possamos chegar a um tópico muito debatido no estudo dos gêneros: a questão do suporte. Além de ser um assunto controverso, ainda há muita resistência, em sala de aula, em relação aos suportes mais recentes. Porém, os novos suportes, principalmente pensando no perfil dos jovens, estão mais presentes no cotidiano do aluno que os suportes tradicionais, por isso devem fazer parte do contexto escolar, ou seja, precisa-se dar espaço também para a heterogeneidade dos gêneros nos diversos aspectos.

Entende-se como suporte de um gênero:

um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. Essa ideia comporta três aspectos: a) suporte é um lugar (físico ou virtual); b) suporte tem formato específico; c) suporte serve para fixar e mostrar o texto (MARCUSCHI, Luiz Antônio, 2008, p. 174 e 175).

Como foi dito, a discussão sobre suporte ainda é polêmica, e uma questão inerente a essa discussão é a correlação entre suporte, mídia e hipergênero.

Proponho que a) o hipergênero seja visto como um macroenunciado composto por um conjunto de gêneros típicos que se agrupam de modo ordenado e articulado, b) a *mídia*, como uma unidade de interação (BONINI, 2011) e de mediação dos gêneros, e c) o *suporte*, como um componente material da mídia no qual se ancoram os gêneros (LIMA, 2013, p. 109).

Assim, a internet, que conforme Marcuschi (2008) é um suporte de gêneros, muitas vezes, não pode ser um recurso utilizado pelos alunos em sala de aula, pois apesar de ser um elemento tão presente na vida deles, ainda há muitos receios quanto à liberação desse uso em sala, pois falta orientação em relação à boa utilização desse

meio. Contudo, é relevante destacar que a internet pode ser utilizada como um meio de promover a educação. Esse tópico possui discussões bem recentes e polêmicas, porque privar o aluno, em sala, de utilizar a internet é uma maneira de manter a atenção dele no conteúdo ministrado; mas privá-lo também de algo que usamos constantemente, inclusive para organizarmos nossas aulas, é reafirmar que a escola é algo à parte da sociedade.

Dessa forma, percebe-se que:

No mundo das novas tecnologias há euforia e lamento, um jogo entre “tecnófilos” e “tecnófobos”. Ambas as posições são inadequadas, porque são acríticas. Não cabe curvar-se ao determinismo tecnológico que resulta em aceitação basbaque, porque nenhum determinismo é historicamente real. Nem cabe propalar repulsa obsessiva, porque, sendo o mundo das novas tecnologias naturalmente ambíguo, há, entre tantas dubiedades, também belas promessas. A internet é também um “lixão”, mas é igualmente um horizonte que pode abrir novas oportunidades de autoria e cidadania. Procura-se uma posição mais sensata entre os extremos, marcada pelo “olhar do educador” (DEMO, Pedro. “Tecnofilia” & “Tecnofobia”. Rio de Janeiro: 2009, p. 5).

Então, a grande questão é como usar essa tecnologia a favor da aprendizagem. No caso específico da EJA, a inserção das tecnologias no contexto de sala de aula proporcionará o uso da internet de forma consciente pelos jovens, e, para muitos adultos, será uma inclusão no mundo digital.

[...] as alfabetizações ultrapassam a forma tradicional de ler, escrever e contar, agregando a ela outras habilidades, a começar por fluência tecnológica; as próprias novas tecnologias são igualmente alfabetização (DEMO, 2009, p. 7).

Como já foi mencionado, o aluno já domina a sua língua, portanto, ele só precisa aprimorar os critérios de adequabilidade e aceitabilidade. E o uso da tecnologia em sala pode ser um grande aliado para que o aluno compreenda esse equilíbrio que há entre a adequabilidade e a aceitabilidade. Assim, o entendimento desses critérios contribuem também para o estudo da relação entre a fala e a escrita, para que o aluno perceba que a língua falada e a língua escrita não constituem uma dicotomia, mas um contínuo na relação dos gêneros textuais; e que a escrita não é apenas a representação da fala, pois são modalidades diferentes que exigem comportamentos específicos. Logo, a adequabilidade e a aceitabilidade também

funcionam de formas diferentes na oralidade e na escrita; nos diferentes gêneros e seus suportes. Dessa forma, o aluno tem que estar apto para fazer suas escolhas linguísticas de acordo com o que é aceitável e adequado aos diferentes contextos.

Para que o aluno compreenda como se dá esse processo de escolhas, propõe-se o trabalho por meio das sequências didáticas, por possibilitar que o aluno perceba todo o processo de construção para se chegar à produção final. Segundo Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 213), sequência didática é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Logo, a produção textual ocorre a partir de um contexto comunicativo real, o que aproxima o aluno do trabalho a ser desenvolvido.

A partir do que foi exposto, pode-se destacar que “o resultado esperado é o desenvolvimento do potencial comunicativo do aluno, e o conseqüente fortalecimento de sua capacidade cidadã na sociedade moderna, essencialmente letrada” (Kleiman; Sepulveda, 2014, p. 11). Para que esse resultado seja alcançado, é necessário explicitar para o aluno o porquê, o para quê do estudo da língua, como ocorrerá o processo de aprendizado, e apresentar novas possibilidades, incluindo o acesso a novas tecnologias, é promover uma educação cidadã.

Capítulo 3

Contextualização da pesquisa

3.1 Campo de investigação

A pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá (CEF 1). A escola é composta, no período noturno, pelo 1º e o 2º segmentos da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujo número de alunos frequentes é de aproximadamente 300 alunos.

Participaram da pesquisa duas turmas da 7ª etapa do Segmento Segundo da EJA, que corresponde ao 8º ano do Ensino Fundamental, sendo que a turma A tem o perfil mais adulto (a maioria dos alunos possui mais de 30 anos) e a B, o perfil mais jovem (faixa etária de 15 e 16 anos).

O estudo se deu nessa escola, pois é onde leciono desde o primeiro semestre de 2014. Neste curto período, de 2014 a 2015, já pude perceber o aumento do número de jovens na EJA. Então, por observar o processo de juvenilização dessa modalidade de ensino; por enfrentar os desafios diários em sala de aula; e, também, por perceber que é uma modalidade que carece de reflexão e de novos paradigmas, surgiu o interesse por essa área de pesquisa.

A Educação de Jovens e Adultos possui suas próprias peculiaridades, seus próprios desafios, contudo, em muitos aspectos, não tem recebido esse olhar diferenciado. Então, o aluno acaba não tendo o sentimento de pertencimento em relação à escola, o que reforça sua baixa autoestima. Por isso, o trabalho a ser desenvolvido deve valorizar o acolhimento, as atividades que motivem os alunos, para que eles se sintam parte do universo escolar.

A ambientação do aluno ao contexto escolar é fundamental para que não haja evasão, que é um fato comum nessa modalidade de ensino. E um dos fatores que provoca essa evasão é a baixa autoestima, pois muitos alunos acham que são incapazes de aprender. É interessante a fala de um aluno idoso da turma A, quando estava ainda no 6º ano, porque expressa bem o sentimento de vários alunos dessa

faixa etária adulto/idoso: *“Professora, os alunos juvenzinhos não vêm para a escola, porque têm preguiça, e a gente já velho não vem, porque tem vergonha.”*

Desse modo, é imprescindível que seja feito um resgate desse sujeito como estudante. Contudo, esse resgate não deve ser apenas no momento de ingresso do aluno na escola, mas sim é necessário que seja contínuo. Por isso, a relevância desta pesquisa, que busca propor atividades que deixem esses alunos motivados, e que também aproxime as faixas etárias (jovens e adultos), uma vez que essa disparidade de idade também é um motivo que provoca evasão.

Em suma, o aluno da EJA precisa de uma educação voltada às suas necessidades, para sua faixa etária; e não de uma “adaptação” do Ensino Regular.

A pesquisa se justifica, então, por toda a reflexão que nós, os profissionais de educação, ainda precisamos fazer para que novos paradigmas sejam adotados na Educação de Jovens e Adultos.

Escolheu-se trabalhar com os gêneros textuais pelo caráter social e dinâmico que possuem. Assim, busca-se, por meio do estudo dos gêneros, favorecer o letramento de jovens e adultos e aproximar esses dois públicos.

3.2 Metodologia

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu da minha vivência em sala de aula ao observar o quanto é desafiador ter jovens e adultos em uma mesma turma, atendendo aos dois grupos em suas necessidades e respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno. Essa diversidade de perfis é cada vez mais comum na modalidade de ensino da EJA, que vem passando por um processo de juvenilização nos últimos anos. Segundo Ribeiro (2001, p. 5):

Um elemento que vem complicar a construção de uma identidade pedagógica do ensino supletivo e de sua adequação às características específicas da população a que se destina é o processo notado em todas as regiões do país, assim como em outros países da América Latina, de juvenilização da clientela.

Os alunos da mesma faixa etária já possuem perfis diversos. Então, trabalhar com alunos de faixas etárias também diversas tem se tornado um desafio para os

professores, que buscam alternativas pedagógicas para se adaptarem a essa nova sala de aula. Por isso, além de analisar como os gêneros textuais podem favorecer o letramento na EJA, busca-se, também, refletir sobre métodos que possibilitem a aproximação desses dois grupos de alunos, a fim de que a heterogeneidade não seja um problema, mas sim um elemento de aprendizagem.

Desenvolveu-se, portanto, com alunos do 8º ano da EJA, um trabalho com gêneros textuais, tendo como pressuposto que utilizar gêneros que estejam presentes no dia a dia do aluno é uma forma de atender aos dois grupos – respeitando a heterogeneidade dos alunos; promovendo a troca de experiências; valorizando os letramentos, visando, assim, ao desenvolvimento das competências leitoras, interpretativas e de escrita.

Para que a análise de como os gêneros textuais podem favorecer o letramento na EJA fosse satisfatória, realizou-se uma pesquisa qualitativa. Optou-se por essa metodologia de pesquisa pelo enfoque indutivo, pelo caráter descritivo da coleta de dados feita com turmas para as quais eu leciono. Atuei, portanto, na pesquisa como observadora participante, pois:

Segundo o paradigma interpretativista, [...] não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (BORTONIRICARDO, 2008, p. 32).

Desse modo, “trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (MAANEN, 1979, p. 520), uma vez que o foco principal do estudo era observar, coletar e analisar os dados no contexto real de sala de aula, para que os objetivos fossem atingidos: a) refletir sobre o modo como o trabalho a partir de gêneros presentes no dia a dia dos alunos pode incentivá-los na leitura e na produção de textos; b) discutir a importância dos gêneros textuais no desenvolvimento da compreensão interpretativa e inferencial; c) analisar como os gêneros podem contribuir para que o ensino de jovens e adultos seja interativo e produtivo.

Justifica-se, então, a opção pela pesquisa qualitativa, já que se buscou compreender e interpretar os fenômenos sociais da minha sala de aula, conciliando a prática pedagógica com o trabalho de pesquisa, para que houvesse a investigação

do papel dos gêneros textuais no letramento de jovens e adultos, de forma que a distância que há entre esses dois grupos fosse diminuída.

Esta pesquisa qualitativa foi realizada por meio do método de estudo de caso etnográfico. Estudo de caso, pois “visa ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25), no caso em questão, duas turmas do 8º ano da EJA.

Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto, quer dizer, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, percepções, comportamentos e interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem, ou à problemática determinada a que estão ligadas; os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda, procurando revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema; os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação; os estudos de caso procuram representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 99).

A pesquisa realizou-se com alunos da EJA em seu contexto cotidiano de sala de aula, buscando, por meio de uma visão holística, observar o ambiente de interação dos alunos com o intuito de, a partir da observação, refletir sobre as práticas pedagógicas e os problemas constatados, objetivando a associação da teoria e da prática. Portanto, seguiram-se os requisitos do estudo de caso.

Constitui-se, ainda, como um estudo do tipo etnográfico, pois ocorreu por meio da observação participante.

Quando ouvimos menção a “pesquisas etnográficas em sala de aula”, por exemplo, devemos entender que se trata de pesquisa qualitativa, interpretativista, que fez uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação, especialmente para a geração e a análise dos dados (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 38).

Há, também, conforme André (1995, p. 28), “o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado [...], ou seja, [...] o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados. Os dados são medidos pelo instrumento humano, o pesquisador”. Além disso, a ênfase é no processo e não no resultado, e há uma preocupação com a opinião dos participantes.

Todas essas características etnográficas estão presentes na pesquisa, cuja observação foi participante; a coleta dos dados ocorreu por meio de atividades propostas pelo professor/observador; todo processo de realização das atividades foi levado em consideração, assim como as observações que motivaram a pesquisa; e as percepções dos alunos também compuseram os dados da pesquisa.

Utilizou-se um enfoque comparativo-explicativo para a análise dos dados, cuja finalidade era verificar as diferenças que há no processo de ensino de jovens e adultos e como as mesmas atividades apresentam abordagens e resultados diferenciados de acordo com as características do grupo.

Os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa foram coletados a partir de atividades de produção textual individual e em grupo. A primeira atividade (anexo 1) foi a produção de um texto, cujo tema era *A evolução dos meios de comunicação*. Esse tema foi escolhido com o intuito de atingir os dois grupos e comparar qual perspectiva do tema cada grupo iria abordar. Foram analisadas as produções de 12 alunos (anexo 1).

A segunda atividade (anexo 2) foi a produção de um gênero textual em grupo. Os grupos tiveram a liberdade para escolher o gênero que seria produzido. Para orientar a atividade, foram apresentadas algumas sugestões: livro de culinária, revista, jornal, dicionário, álbum, quadrinhos. Essa atividade também permitiu observar como o perfil dos alunos influencia nas escolhas textuais. Nessa atividade, analisou-se o trabalho de 10 grupos (anexo 2).

3.3 Análise dos dados

3.3.1 Primeira coleta de dados

A primeira atividade realizada para a coleta de dados da pesquisa foi a produção textual com o tema comum aos dois grupos que estão em análise. O tema trabalhado foi *A evolução dos meios de comunicação*, cuja escolha se justifica pelo conhecimento de mundo compartilhado pelos dois grupos (grupo A, dos adultos; e grupo B, dos jovens).

Descrição da atividade

A proposta da atividade começou com a leitura do texto *Zap*, de Moacyr Scliar (anexo 1). Após a leitura do texto, foram apresentados aos alunos alguns cartazes com imagens (anexo 1) que representam a evolução dos meios de comunicação.

Elaboração da produção textual

A proposta de produção foi a elaboração do texto a partir da relação entre o conto lido e as imagens apresentadas. Os alunos, antes de produzirem os seus textos, discutiram os temas destacados no conto e a percepção que tiveram das imagens. Somente houve a intervenção da professora, após a discussão entre os alunos. Então, eles tiveram que produzir um texto de opinião, cujo tema foi identificado pelos próprios alunos após a discussão.

Objetivo

Pretendia-se que os alunos observassem que o *zap* do conto representa a troca de canais, e que essa troca – elemento motivador da história – é possível por causa da evolução tecnológica. E as imagens (anexo 1) mostram exatamente essa evolução. Logo, o intuito foi que o tema geral destacado pelos alunos fosse *A evolução dos meios de comunicação*.

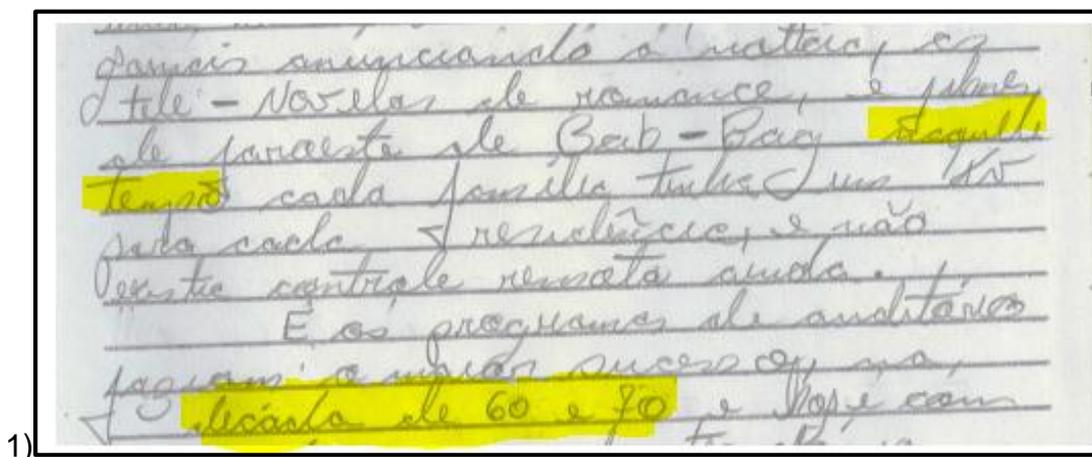
Justificativa

O tema da produção permite a aproximação dos grupos A e B, pois os próprios grupos representam essa evolução. Então, temos a experiência dos mais velhos, com o conhecimento dos aparelhos antigos, e a vivência tecnológica dos jovens, com o conhecimento sobre os aparelhos contemporâneos.

Resultados alcançados

O tema foi recebido de forma positiva pelos dois grupos; a discussão foi bem desenvolvida; e ao ler as produções, conseguimos identificar a que grupo o aluno pertence.

Trechos destacados dos textos dos alunos do grupo A¹¹:



¹¹ Foram reproduzidas as redações originais, sem a intervenção da professora.

2) não faz muito tempo que aconteceu os meios de comunicação pois antes era muito difícil agente se comunicar com alguém que estava muito longe, então era por meio de cartas, mais agora é muito mais fácil e mais rápido pois

3) facilidade tem o meio de se comunicar, hoje se falamos por um meio mais fácil que é o telefone, não precisamos mais nos auster mandar telegramas.

4) a televisão também evoluiu muito. Antes era bem pesada e larga hoje é bem mais leve e fininha.

5) Também nos anos 80 não existia computador, era máquina de escrever para mandar um fax para algum lugar que era um cartão, que deslocava de uma cidade

6) no passado não tinha internet muito difícil. Para as pessoas assim tinha que ir para casa da parente muito distante pois a TV não tinha internet, quase não dava para ver nada.

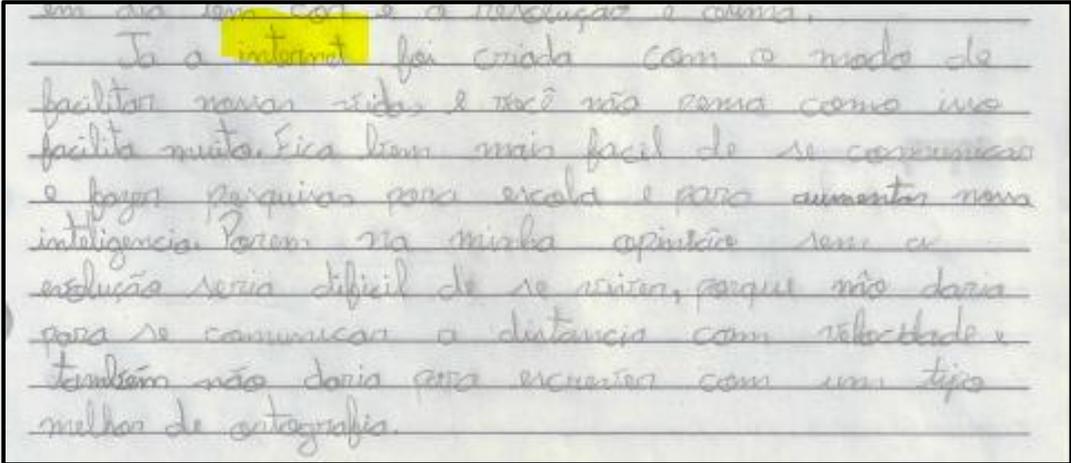
Trechos destacados dos textos dos alunos do grupo B:

1) Como encaramos a evolução? como uma coisa produtiva ou como algo improdutivo? De certo forma sim, por exemplo, como deve era ter um assistente de TV em preto e branco, como era chato ter um computador sem internet sem o correto que em muitas coisas nos ajuda ou sem ter o benedito google que praticamente pensa, raciocina por a gente.

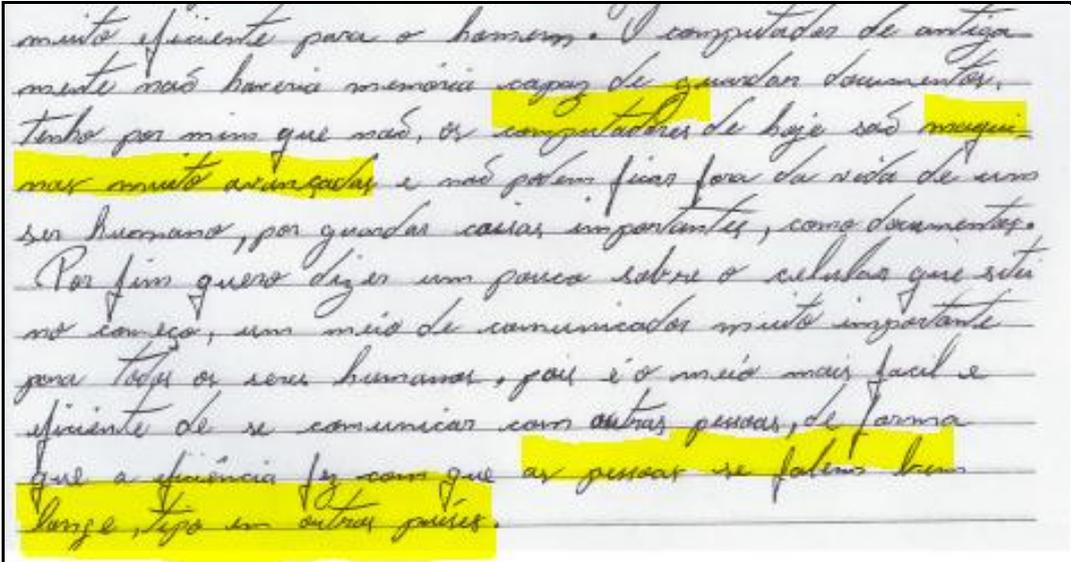
2) Por exemplo a internet não tinha acesso como hoje e também o computador hoje em dia evoluiu muito, não é como antes que parecia uma caixa.

3) Coisas que são boas e outras que são ruins. Uma das coisas boas foi a internet e o computador, as duas servem para várias coisas, ajuda muito as pessoas. Sobre pesquisas e também ficaram informados sobre o que acontece no mundo.

4) A invenção do computador, mudou por muito o modo de se comunicar, foram inventados vários sites de comunicação (Redes Sociais) como: MSN, ORKUT, Facebook, twitter, whatsapp, telegram e etc...

5) 

em sua vida e a revolução a comunicação.
 Já a internet foi criada com o modo de
 facilitar nossas vidas e não como uma
 facilita muito. É um meio mais fácil de se comunicar
 e fazer pesquisas para escola e para aumentar nossa
 inteligência. Porém, na minha opinião sem a
 exclusão seria difícil de se viver, porque não daria
 para se comunicar a distância com facilidade e
 também não daria para escrever com um tipo
 melhor de ortografia.

6) 

muito eficiente para o homem. Os computadores de antigamente
 não tinham memória capaz de guardar documentos,
 tanto por mim que não, os computadores de hoje são
 muito desenvolvidos e não podem fazer fora da vida de um
 ser humano, por guardar coisas importantes, como documentos.
 Por fim quero dizer um pouco sobre o celular que está
 no começo, um meio de comunicação muito importante
 para todos os seres humanos, pois é o meio mais fácil e
 eficiente de se comunicar com outras pessoas, de forma
 que a eficiência faz com que as pessoas se falem bem
 longe, tipo em outros países.

Análise dos textos

A partir dos trechos destacados das redações dos alunos, observa-se que os alunos adultos têm uma fala nostálgica, lembrando momentos que marcaram o seu passado. Eles apresentam uma visão mais retrospectiva.

Já os alunos jovens, apresentam uma retrospectiva mais superficial, e destacam o que a evolução dos meios de comunicação oferece atualmente, tanto que em todos os textos da turma B (alunos jovens) há menção à internet, o que não ocorre na turma A.

Percebe-se, então, que uma mesma atividade pode ser trabalhada pelas duas faixas etárias, e, por mais que a abordagem do professor seja igual nas duas turmas,

a vivência de cada aluno atribuirá à atividade peculiaridades próprias. Essas peculiaridades enriquecem o processo de ensino/aprendizagem e permitem a troca de conhecimento e experiência entre os alunos, principalmente em turmas heterogêneas.

Observou-se também a dificuldade que os alunos tiveram para associar o texto às imagens. Eles identificavam os temas presentes no texto e o que as imagens representavam, porém fazer o *link* entre o texto verbal e o não verbal foi um processo mais lento. Contudo, superada essa etapa, rapidamente eles conseguiram associar o tema a sua vivência, o que comprova como o conteúdo se torna mais significativo quando é contextualizado ao universo das experiências do estudante.

Então, o trabalho com a linguagem verbal e não verbal, a interpretação de texto, a associação do conteúdo à vivência cotidiana são fatores que contribuem para o letramento dos alunos.

3.3.2 Segunda coleta de dados

A segunda atividade proposta aos alunos foi a produção, em grupo, de um gênero textual escolhido por eles. Foram apresentadas algumas opções de gêneros textuais: livro de culinária, revista, jornal, dicionário, álbum, quadrinhos. Os alunos tiveram quatro aulas para produzir o trabalho e posteriormente apresentaram a produção aos colegas.

Descrição da atividade

Em sala, os grupos receberam revistas, jornais, livros de culinária, para que pudessem ter inspiração para a produção do trabalho. Então, nessa primeira etapa, eles escolheram o tema e o gênero textual que iriam produzir, pois o objetivo da atividade era que, coletivamente, eles produzissem um gênero textual, por exemplo, gênero: revista, tema: esporte. Na segunda etapa, a professora disponibilizou alguns materiais (cartolina, cola, lápis de cor, etc.) que os alunos tinham solicitado e eles iniciaram a produção.

O trabalho foi feito em sala sob a supervisão da professora.

Objetivo

O intuito da proposta foi trabalhar a criatividade dos alunos; incentivar a construção coletiva do conhecimento; proporcionar uma escrita mais livre, mais prazerosa; aproveitar o conhecimento de mundo dos alunos; e aproximar o conteúdo ao cotidiano deles. Dessa forma, o letramento também é favorecido, pois possibilita o trabalho com diversas competências, como a criativa, a de escrita, de trabalho em grupo, conseqüentemente, do diálogo também.

Justificativa

A atividade englobou jovens e adultos, aproveitando o conhecimento de mundo das duas faixas etárias, uma vez que eles puderam escolher o tema com o qual tinham afinidade e o melhor gênero para se trabalhar. Além disso, a proposta possibilitou mostrar a praticidade do conteúdo, pois viram como os assuntos abordados em sala estão presentes no dia a dia deles, e como contribuem com as questões cotidianas, por exemplo, fazer uma receita do livro de culinária ou interpretar a notícia sobre o ator que é fã.

Resultados alcançados

Os alunos ficaram motivados; empenharam-se para realizar um bom trabalho; souberam trabalhar em equipe, respeitando e aproveitando o gosto de cada um.

Quando a atividade foi proposta, a turma A acolheu de forma mais positiva que a turma B. Os alunos da turma B, a princípio, reclamaram porque iria dar muito trabalho e porque eles não sabiam o que fazer. Então, houve uma conversa com os alunos, mostrando o que poderia ser feito, perguntando sobre o que eles gostavam. Após esse incentivo, eles definiram qual seria a produção e a motivação foi aumentando.

Foi interessante observar que, ao perceberem que de fato poderiam trabalhar com assuntos do domínio deles – como teve produção sobre música, tatuagem, futebol, moda –, eles se sentiram mais confortáveis.

O envolvimento que eles tiveram com a atividade ficou bem claro em uma aula do último horário, porque geralmente nesse horário o rendimento dos alunos é menor, pois já estão cansados, contudo, nesse dia, eles ficaram tão concentrados com a atividade, que quando foram liberados, uma aluna comentou: “Já tá na hora, tá tão bom pintar isso daqui”. Esse fato ocorreu na turma B.

Na turma A, merece destaque o dia da apresentação, como quase todos os trabalhos foram sobre culinária, eles organizaram um lanche, cada um levou um prato, o que mostra o envolvimento deles com a atividade.

Análise dos textos

A maioria dos grupos da turma A escolheu como tema a culinária; um grupo fez o trabalho sobre artistas; e um grupo, sobre moda e culinária. Os gêneros trabalhados foram livro de culinária e revista. Já na turma B, a variedade foi maior, foram escolhidos os seguintes temas: esportes, tatuagem, moda, música e culinária. E os gêneros produzidos foram revista de esporte, de moda e de música, livro de culinária, álbum de tatuagem, quadrinho e jornal. Na turma B, ainda houve a preocupação de se elaborar um livro de culinária sobre alimentação saudável, na turma A, essa questão não foi levantada. Observa-se, então, que as escolhas definem bem a faixa etária de cada turma.

Outra questão interessante para ser destacada é que na turma A eles usaram bastante recorte, colagem; e na turma B, muitos substituíram o recorte por desenhos e pinturas próprios.

Considerações finais

A educação, em todos os seus aspectos e abordagens, é desafiadora e exige reflexões e mudanças constantes. Além disso, os problemas a serem superados são inúmeros. Contudo, em relação a muitas questões, foge do alcance do educador solucionar os problemas de forma imediata: por exemplo, talvez a turma ideal na EJA seria uma turma formada somente por adultos, inclusive há uma vertente que defende a mudança na legislação para que o ingresso nessa modalidade de ensino seja a partir de 18 anos. No entanto, até que a mudança aconteça, a realidade imposta ao aluno e ao professor da EJA é de uma turma heterogênea quanto à idade. Então, o papel do educador/pesquisador é buscar alternativas para essa realidade com a qual está trabalhando.

Percebe-se, com essa ponderação, a importância do professor atuar como pesquisador da sua própria prática docente. Foi assim que surgiu o interesse por esta pesquisa, por buscar estratégias para que o ensino do componente curricular de Língua Portuguesa seja satisfatório para jovens e adultos, considerando as peculiaridades do perfil de cada grupo. E não negligenciando que, apesar da maioria dos alunos da EJA regressar à escola devido a questões de empregabilidade, o ensino nessa modalidade não pode se restringir a esse aspecto. Como está nas *Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem – EJA* (2007, p. 14):

Uma educação que corresponda às necessidades e interesses dos trabalhadores deve tomar por referência a realidade objetiva em que vivem os educandos, não apenas em sua imediatez, mas também naquilo que implica a superação da condição vivenciada por eles.

O trabalho realizado com os gêneros textuais mostrou que é muito eficiente para se alcançar não somente os objetivos do ensino da língua, mas também para aproximar os dois grupos, pois possibilita abordagens com o mesmo tema, sob enfoques diferentes, considerando todo o contexto do aluno. Além disso, promove e incentiva a leitura, aguçando a interpretação, desconstruindo o medo e a vergonha que eles têm de escrever.

As atividades que foram realizadas para a coleta dos dados comprovaram exatamente isso, uma vez que a leitura do texto *Zap* (anexo 1), de revistas, jornais,

livros de culinária; a interpretação; a discussão precederam o momento da produção. Assim, os eixos leitura, interpretação e produção textual foram trabalhados de maneira articulada, motivando os alunos a perceberem que, como diz Pennac (1992, p. 121), “Os caminhos do conhecimento não terminam nessa classe: eles devem começar nela!”, pois o objetivo maior é que o aluno prossiga a sua caminhada escolar mais encorajado, ávido pelo conhecimento, com um olhar crítico. A EJA tem essa função do resgate do sujeito como aluno, do empoderamento, pois somente assim os objetivos em relação ao conhecimento formal serão também alcançados.

Dessa forma, segundo o *Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos* (2013, p. 75):

No desenvolvimento construtivo da língua materna como componente curricular é fundamental que o professor promova a manifestação dos estudantes por meio da produção de textos escritos, do desenvolvimento do discurso oral, da leitura e da interpretação de variados gêneros textuais. Dessa forma, acredita-se que será favorecida a construção do pensamento crítico, a exibição e a troca de ideias, o aprimoramento do ato de comunicar-se, a inserção e a participação do estudante jovem, adulto e idoso na sociedade.

Por meio das atividades desenvolvidas, os alunos puderam escrever, ler, interpretar, discutir os temas e as propostas entre eles. Dessa forma, várias competências foram incentivadas, os letramentos já desenvolvidos também foram utilizados nas atividades, uma vez que se buscou motivar os alunos a resgatarem suas experiências e suas histórias ao produzirem o texto da atividade 1 (anexo 1), que era sobre a evolução dos meios de comunicação; e a resgatarem também suas preferências e habilidades na atividade 2 (anexo 2), que possibilitou a escolha do gênero textual e do tema.

A partir da análise da atividade 1, observa-se o resgate mencionado por meio do discurso comum entre os alunos de cada grupo. Nos textos do grupo A (grupo de alunos mais adultos), há um saudosismo, a retrospectiva de como eram os aparelhos antigos, o que mudou no processo de evolução. Já nos textos do grupo B (grupo de alunos mais jovens), o assunto comum foi a internet e a praticidade gerada pela tecnologia.

As produções da atividade 2 também possibilitaram identificar o perfil de cada grupo, pois a escolha do gênero e do tema reflete a faixa etária dos alunos. O tema

recorrente no grupo A foi a culinária. No grupo B, apareceram temas como tatuagem, moda. Outro elemento observado foi a forma de produção, no grupo A, todos os alunos utilizaram colagem; já no grupo B, alguns alunos optaram por desenhar as ilustrações.

As duas atividades resgataram o conhecimento de mundo dos dois grupos; deram possibilidade de escolhas, o que incentiva também a criticidade, pois tiveram que justificar as preferências; trabalharam diversas competências e possibilitaram a aproximação dos dois perfis de alunos, desconstruindo o preconceito de idade, porque se observou uma troca de ideias, principalmente na discussão da primeira atividade, pois os mais jovens se interessaram pelas histórias dos adultos/idosos, e esses se entusiasmaram para relatar suas vivências.

Assim sendo, os objetivos traçados, que tinham como escopo central buscar meios para se promover o letramento simultâneo de jovens e adultos, foram alcançados. Portanto, o estudo desenvolvido mostrou que jovens e adultos podem compartilhar a mesma sala de aula, tendo suas necessidades atendidas, mas que, para isso, é necessária a conscientização de que a EJA é uma modalidade diferenciada do Ensino Regular, dessa forma, possui suas próprias demandas. O estudo corrobora, também, a importância do professor atuar como pesquisador da sua prática pedagógica, o que possibilita a busca de alternativas para que os desafios de sala de aula sejam superados, e promove, ainda, o aperfeiçoamento do educador.

Referências bibliográficas

ALVES, Maria do Rosário do N. Ribeiro. Características da escrita e da fala de alunos ingressantes no ensino médio: um estudo na cidade do Gama, DF. In: BORTONI-RICARDO, S.M.; VELLASCO, A.M.M.S.; FREITAS, V. A. *O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais*. Brasília: Editora UnB, 2010.

ALVES, Maria do Rosário do N. Ribeiro. *Educação ambiental nas aulas de língua portuguesa: gêneros textuais em uma abordagem interdisciplinar*. (Tese de doutorado) FE-UnB, 2013.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Educação para jovens e adultos*. Ensino Fundamental (proposta curricular – 1º segmento). São Paulo/Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Úrsula Nascimento de Sousa. *Leitura e escrita no ensino fundamental, (res) significando o trabalho com gêneros textuais*. Artigo Práxis educacional. Bahia, 2010.
DEMO, Pedro. “Tecnofilia” & “Tecnofobia”. *Téc. Senac: a R. Educ. Prof.*, Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009.

DISTRITO FEDERAL. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado de Educação. *Currículo em movimento da educação básica: ensino fundamental: anos finais*. Brasília: GDF/SEEDF, 2013.

D’ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

EJA Moderna: *Educação de Jovens e Adultos: anos finais do ensino fundamental: manual do educador/organizadora* Editora Moderna: obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna: editora responsável: Virginia Aoki. – 1 ed. – São Paulo: Moderna, 2013.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez Editora/Editora Autores Associados, 1989.

JESUS, Andréa Cristina Souza de; NARDI, Roberto. *Imaginário de licenciandos em Física sobre a educação de jovens e adultos*. Programa de pós-graduação em Educação para Ciência/ Apoio: CAPES. UNESP/ CNPq.
Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0393-1.pdf>>.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela B.; SEPULVEDA, Cida. *Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes (anos finais do Ensino Fundamental Regular Língua Portuguesa)*. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

LIMA, Sostenes Cezar de. *Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado*. 2013. 273 p. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, João Carlos. *Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo*. Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, 1997.

MARTINS, Rosana Mary. *A construção do conhecimento discente numa perspectiva sociointeracional de linguagem: reflexões sobre o ensino e aprendizagem de inglês na escola pública*. Dissertação (mestrado) – Universidade de Taubaté. São Paulo, 2008.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Loyola, 1983.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PIERRO, Maria Clara Di; ORLANDO, Joia; RIBEIRO, Vera Masagão. *Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

PORTAL INEP. *O que é o Pisa*. Disponível em:
<<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>>.
Acesso em: 14 de agosto de 2015.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. 2000.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>.
Acesso em: 6 de novembro de 2010.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. *Educação & Sociedade*, ano XVIII, nº 60, dezembro/1997.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. (Estratégias de ensino; 29).

SARRETA-ALVES, Eliana Maria. O conhecimento prévio do aluno de EJA em questão. In: BORTONI-RICARDO, S.M. ; MACHADO, V. R. *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos - EJA/Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

SILVEIRA, Maria Inez Matosos. *Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: UFAL, 2005.

SOUSA, Jailma Gomes de. *Analfabetismo funcional em Matemática no Ensino Médio: o caso do município de Itaporanga*. João Pessoa: UFPB/CCEN, 2011.

VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

Anexos

Anexo 1

Atividade¹²:

- 1) Ler o texto *Zap*, de Moacyr Scliar*.
- 2) Discutir o texto com os colegas.
- 3) Analisar as imagens que estão expostas**.
- 4) Identificar a relação que há entre o texto e as imagens.
- 5) Produzir um texto a partir do tema identificado.

¹² Reprodução do comando que foi passado aos alunos. O comando foi ministrado oralmente.

Zap*

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para outro — uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto — zap, mudo para outro. Não gosto de novo — zap, mudo de novo. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

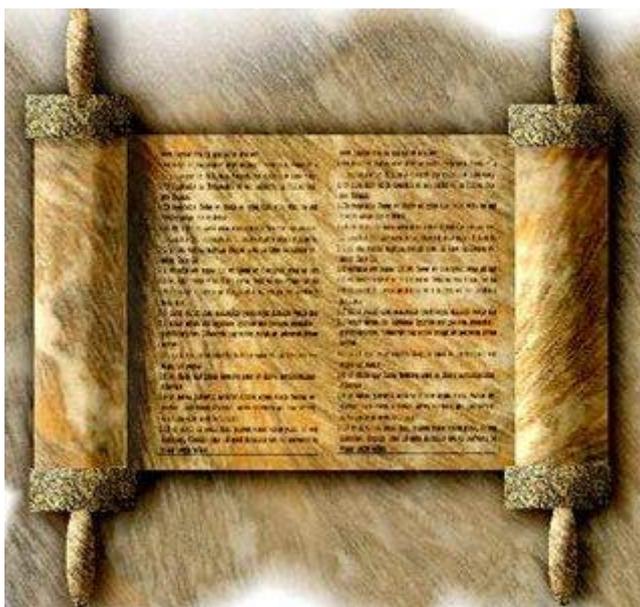
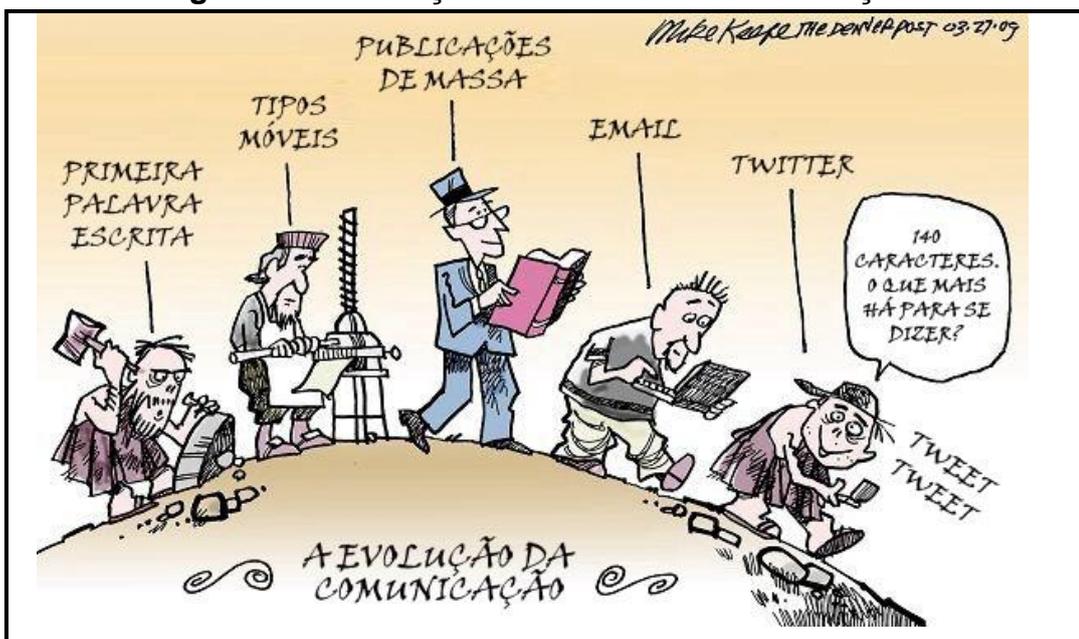
Sofre, minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que — zap — mudo de canal. "Não me abandone, Mariana, não me abandone!" Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e — zap — um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um roqueiro. Tal veemência se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

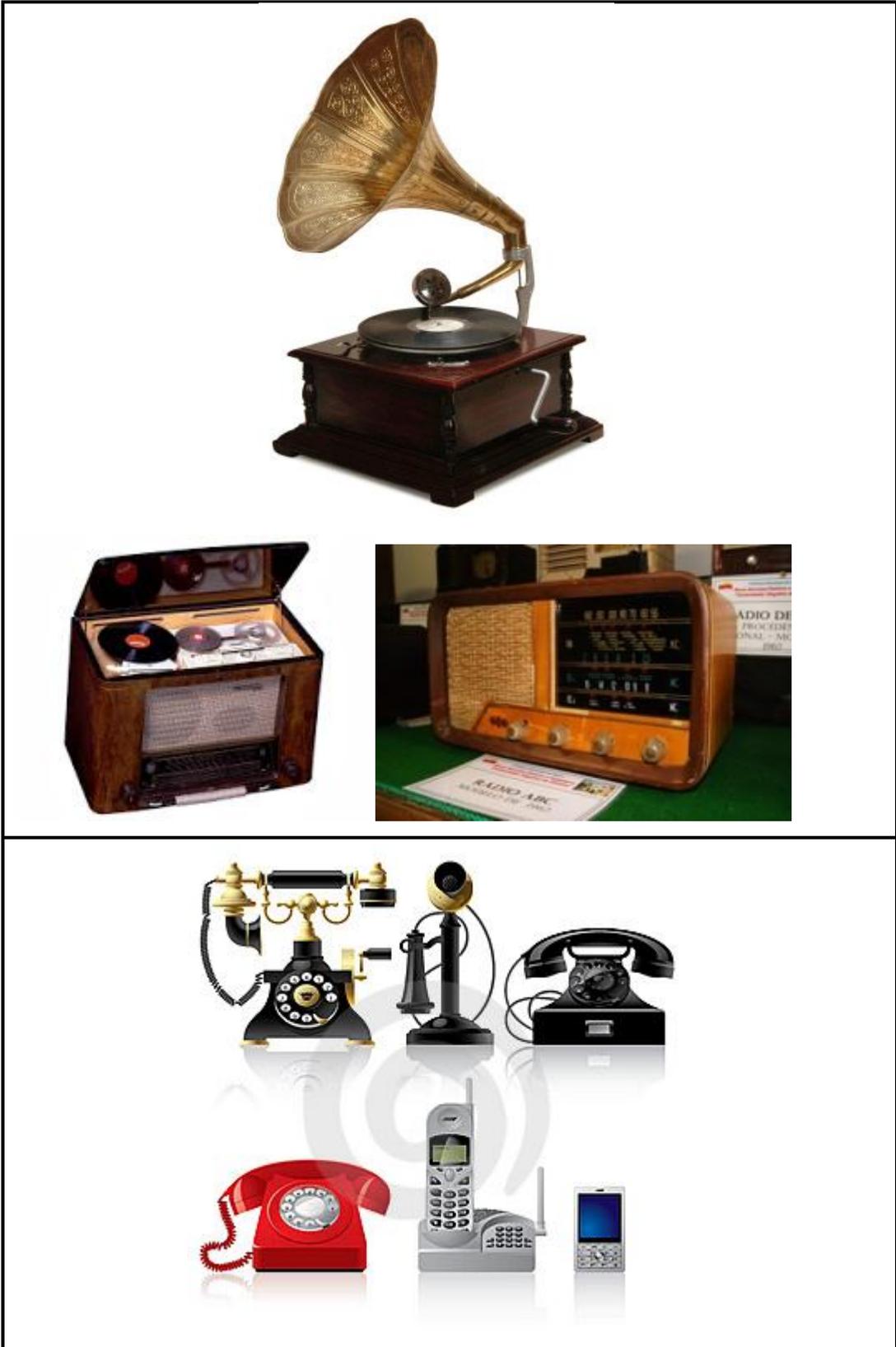
É sobre mim que fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido — situação pouco admissível para um roqueiro de verdade —, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

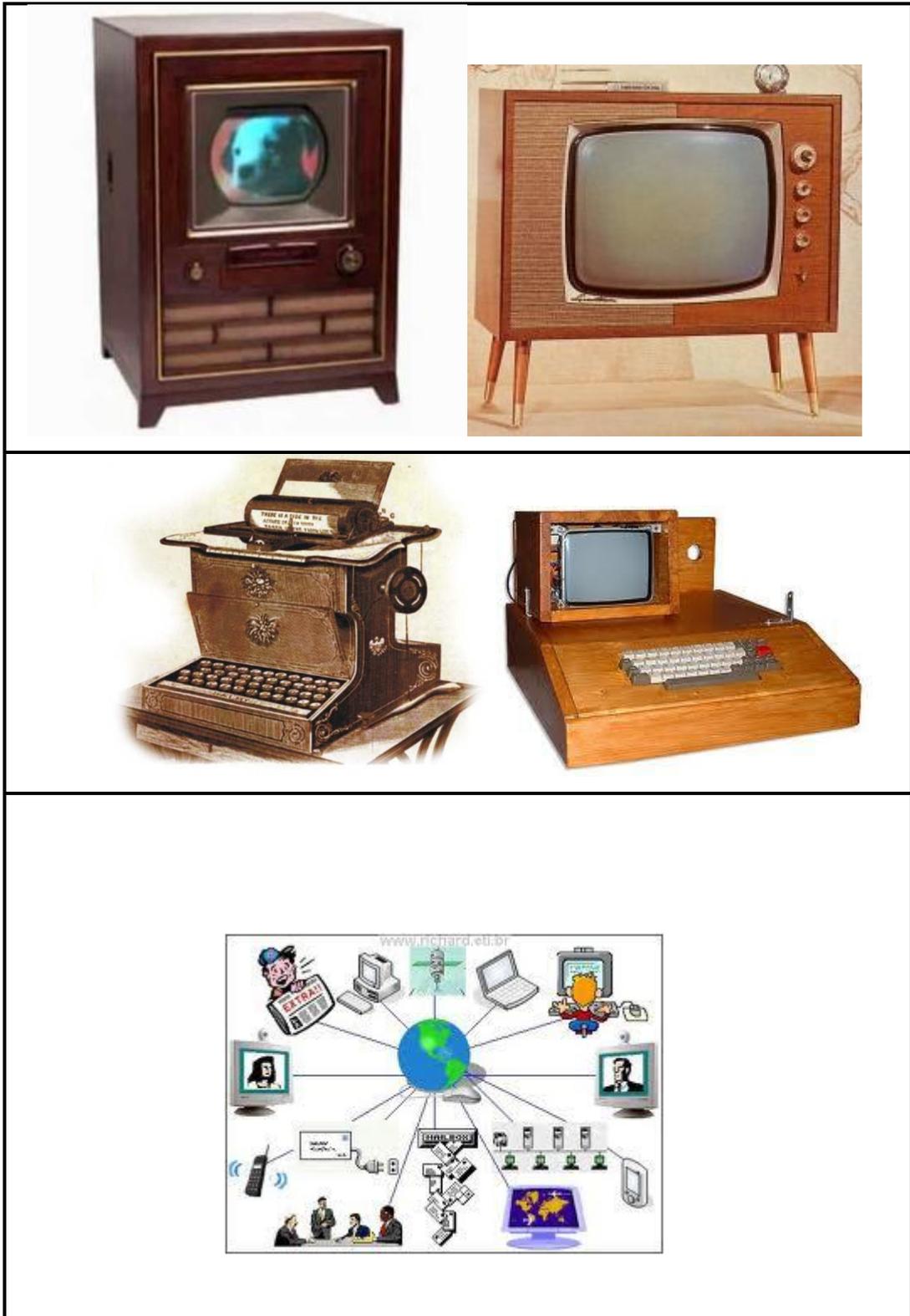
Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência — e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embarça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? — mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina — refletores que se acendem? — e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento zap — aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está — à exceção do pequeno relógio que usa no pulso — nua, completamente nua.

SCLIAR, Moacyr. Zap. Em: MORICONI, Italo. Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 555-556.

Figuras – A evolução dos meios de comunicação**







Fonte: Internet.

Textos dos alunos do grupo A:

MATERIA: Língua Portuguesa

A REVOLUÇÃO DA TV

Depois da chegada da tv preto e branco os programas substituíram a rádio de Radio e os seus músicos cabanos e dentro todo elemento os gostos saíram para sala para fazer da melhor lugar no topo de casa era um mundo que se passava dentro de uma caixa, com tela que mostravam filmes anunciando a matéria, as tele-novelas de romance, e filmes de paraste de Bob-Boy, naquele tempo cada família tinha um tv para cada residência, e não existe controle remoto ainda.

E os programas de auditório faziam o maior sucesso, na década de 60 e 70 e hoje com a grande avanço da tecnologia usaram os tvs coloridos com controles remoto quando essa tv chegou a casa de várias famílias foi uma grande surpresa um mundo cheio de alegria, bem

CELT

1377
21/01/12

111

e complexidade com a posse de a
cores por um, estava regulamentação de
Lapas de todo país, e com isso.

Vivem o conforto e a
modernidade agora. Hoje se
televisores de vários tamanhos e
preços e marcas e cada família
tem 2 ou 3 televisores, um cada
sala, no quarto ou na
cozinha e agora no teto a
será usada para ficar no mundo
moderno e com isso os
pais de família trabalham nos
empregos de canal aberto e
pequeno pra garantir o sustento da
sua família...

24.03.2015

D S T Q Q S S

meios de comunicação

não faz muito tempo que aconteceu os meios de comunicação pois antes era muito difícil agente se comunicar com alguém que estava muito longe, então era por meio de cartas, mais agora é muito mais fácil e mais rápido pois evoluiu muito, porque tem telefone e celular para se comunicar com os outros.

então ficou muito mais fácil e mais rápido para se comunicar com os outros e para dar as notícias e obter outras notícias.

alguns tempos atrás não tinha televisão, então não tinha como ver as notícias os jornais, era muito difícil para as pessoas, e agora ficou mais fácil, pois tem televisão e ficou mais melhor por que tem a televisão e o com o controle remoto pois evoluiu muito.

CEFF

24/3/2015

O meio de comunicação

Não faz muito tempo que não existia o Telefone todo meio de comunicação era por cartas, recados, telegramas tem o tempo, as leis foram mudando, passamos a ter mais facilidade com o meio de se comunicar, hoje já falamos por um meio mais fácil que é o telefone, não precisamos mais escrever cartas, mandar telegramas.

Agora tudo é mais fácil porque já temos o telefone que é um meio de comunicação bem mais fácil, junto veio o celular que podemos falar a longa distância, até mesmo fora do país.

Hoje as pessoas não precisam mais ficar esperando pela aquela carta ou telegrama, que demorava a chegar a minha mãe falava que se preocupava com os filhos que moravam longe porque até a resposta da carta chegar, ela ficava muito ansiosa hoje não, ela liga na casa dos filhos se eles não tiverem lá ela liga no celular, e dar tudo certo, para a felicidade de todos, foi a melhor coisa dos últimos tempos, que chegou.

A evolução da tecnologia

ao longo dos anos vamos acompanhando a rápida evolução da tecnologia, porém ainda existe pessoas que não se desprendem de modo algum das coisas mais antigas.

Um exemplo muito fácil de se ver é o telefone, o computador e a televisão entre outros.

A cada ano que passa é possível perceber que novas tecnologias são criadas, o computador é um exemplo muito grande desde o primeiro até os últimos lançados, o primeiro computador era do tamanho de uma casa já os menores hoje não passa de pouco mais de 12 centímetros, ~~ou~~

a televisão também evoluiu muito. Antes era bem pesada e larga hoje é bem mais leve e fininha.

"A Tecnologia"

Antigamente as televisão era mais difícil de passar canal, porque antigamente se tinha que ir até a TV para passar o canal, as vezes nem passava o canal, tinha que ir chamar a estufa para conseguir assistir um canal.

Hoje em dia com a nova tecnologia se tornou tudo mais fácil, pessoas senta no sofá e não precisa ir até a TV porque hoje com a tecnologia já existe controle.

Também nos anos 80, não existia computador, era máquina de escrever para mandar um fax para algum lugar que se era um cartão, que deslocava de uma cidade para outra a carta, agora com a nova tecnologia as comunicações ficou (mais) bem mais fácil porque tem internet Facebook, WhatsApp etc...

As comunicações de antigamente também de rádio a modo que ele era no lugar dos telefone de hoje em dia, com o avanço da tecnologia temos celulares e outros meios de comunicação.

CEFT

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

7 A

24/03/015

Tema TV tá boa

no passado não tinha comunicação era muito difícil. Para as pessoas acepti tinha que ir para casa do parente muito distante. Pois a TV não tinha antena, quase não dava para ver nada.

Com a passagem do tempo, as coisas foram mudando. TV novas chegaram nas lojas logo trataram de compra, mais alguns logo falaram não esqueça da antena. meu irmão disse vou trola e radio pelo TV no radio não vejo nada, porque eu fiquei com ele, logo tratei de ir correndo para a loja.

noisai que a pontel era tanta gente não vai da para trola o radio hoje vou ter que volta para casa com radio minha mulher vai ficar muito valente com migo que eu vou faz.

Textos dos alunos do grupo B:

A evolução e a praticidade

Como encaramos a evolução!? como uma coisa produtiva ou como algo improdutivo? De certo forma sim, por exemplo, como deve era horrível assistir TV em preto e branco, como era chato ter um computador sem internet sem o corretor que em muitas coisas nos ajuda ou sem ter o bendito google que praticamente não pensa, raciocina por a gente.

E o telefone, então parece mais um robô, no para uma função "telefonar" sendo que era uma luta deve sem sinal, porque se não tinha internet o sinal também não era tão melhor, se para um fun-ção ele era daquele também. Hoje em dia nem precisa mais telefonar porque os aplicativos são tão modernos que muitos nem cobram taxa, hoje podemos conversar com pessoas do outro lado do mundo sem se preocupar com sinal fraco.

Se em pensa que um simples aparelho hoje tem a função de tudo isso e muito mais: telefonar, mandar mensagens, ouvir rádio nos comunique melhor, resumindo hoje temos um minie computador com múltiplas funções e o melhor podemos levar para qualquer lugar.

Mas ainda sim ele não é tão produtivo, na minha concepção ele é um roubo-tempo. Até porque nos acomodamos muito e muitos vezes deixamos com que ele pensa por nós, e isso não é bom, o ser humano omite sua capacidade e raciocina menos, na verdade fazemos mal uso

21.02.2020

AF sobre o futuro da escola

da celular, não que ele seja o futuro, é que
exploramos mais dele do que da nossa própria
mente ou inteligência. A evolução é ótima e nos
traz a praticidade, mas devemos ter consciência
do nosso tempo e da nossa capacidade.

ADERSIL

CELT

Antigamente as coisas eram muito diferentes comparando aos dias de hoje por exemplo a internet não tinha acesso como hoje e também o computador hoje em dia evoluiu muito, não é como antes que parecia uma caixa.

O celular de hoje comparando com o de antigamente é diferente quer dizer nem existia celular, era telefone com fio mais muito diferente dos dias de hoje é mais moderno mais e de antigamente, muito mais elegante.

A televisão também era muito diferente ~~lambes~~ parecia uma caixa igual as coisas de ontem que temos no dia de hoje:

portanto, era tudo diferente, hoje já são mais modernas e bem arrumadas e podem usar de várias maneiras

data 24.03.15

5 8 9 9 5 5 9

Do Passado Para o futuro.

Eu acho que nesse tempo muitas coisas mudaram. Algumas coisas para boa e outras para ruim. Uma das coisas boas foi a Internet e o computador, as duas servem para varias coisas, ajuda muito as pessoas Sobre pesquisas e tambem ficam informados sobre o que acontece no mundo. Mais tudo tem o lado ruim, as pessoas comecaram a ficar muito ligadas com essa tecnologia. Por exemplo, as pessoas não fazem mais aquilo que uma pessoa faziam como ler, estudar mais, praticar esportes, conversar com outras pessoas pessoalmente e não ficar aliado no computador. Na TV muitas coisas mudaram tambem por exemplo as novelas e os programas educativos como o desenho animado. As novelas ficaram mais violentas e passaram uma imagem muito negativa. Os desenhos que passavam antes tinham, eu confesso que ja assisti alguns desenhos antigos e acho melhor que hoje. Na minha opiniao foram boas e ruins para todos. Se uma pessoa hoje em dia fica sem celular eu acho que ela vive mais e vive melhor, ver como foi ser doqui pra frente com certeza com mudar muitas outras coisas, espero que sejam boas, bem boas.

1773

A evolução do meio de comunicação

A evolução nos dias de hoje

Tudo começou na idade da pedra, os homens das cavernas, faziam escrituras, para se comunicarem e para desenhar. Na verdade os desenhos eram escrituras, comunicarem

No começo, para se comunicarem, os homens faziam sinais de fumaça, para mandar mensagens, para outros... Depois, já tinham inventado a espátula (carta), começaram a se comunicar, através de escritos na carta, por muito tempo isso perdurou,

Depois da carta, inventaram o telegrama, faziam telegrama e mandavam como correspondência por todos lugares isto se espalhou, mandavam correspondência para todos os lugares, e isso também servia como meio de exportação e importação e comunicação.

A invenção do computador, mudou por muito o modo de se comunicar, foram inventados vários sites de comunicação (Redes Sociais) como: MSN, ORKUT, Facebook, twyter, WHATSAPP, TELEGRAM e etc...

Para muitos foi um grande facilitador, para sua vida, para outros um grande problema.



A evolução

A evolução vem desde muito antes de Cristo, na
aquele tempo era a escrita e os meios de escrever
que estavam em evolução. Porém esses meios de
escrita vem a mudar até hoje e ira mudando
sempre.

Com o tempo veio varias outras coisas como
a televisão, radios, e maquinas para escrever. Foram
evoluindo e mudando cada vez mais, a televisão era
um caixote com muita pouca resolução que não
dava para ver nada e ainda era preto e branco. Hoje
em dia tem cor e a resolução é ótima.

Ja a internet foi criada com o modo de
facilitar nossas vidas e você não pensa como isso
facilita muito. Éca bem mais facil de se comunicar
e fazer pesquisas para escola e para aumentar nossa
inteligencia. Porém na minha opinião sem a
evolução seria dificil de se unir, porque não daria
para se comunicar a distancia com velocidade e
também não daria para escrever com um tipo
melhor de ortografia.

DESENVOLVIMENTO

A muito tempo atrás, antes de Cristo, não existiam meios de comunicação como hoje em dia. Como o celular que foi desenvolvido como uma forma de comunicação bem avançada, que nos possibilita a comunicarmos com as pessoas com mais facilidade.

No passado o meio de comunicação era feito de forma ocasional, ou seja, na escrita, através de cartas enviadas por gnomos, raras ou por cavalheiros enviados a mando de Reis. Voltando um pouco atrás para o tempo de Cristo, quando os homens das cavernas não tinham entendimento de palavras escritas, quando o conhecimento de palavras veio os homens das cavernas por meio de tintas e ruínas escritas de formas de desenhos para se comunicarem, daí por diante foram desenvolvendo o conhecimento e passaram a produzir ferramentas de casa até as das de hoje. Jamais mais utilizando, nos dias de máquinas computadorizadas.

O homem com todo seu entendimento, foi capaz de criar objetos mecânicos, tipo o televisor, telefone, etc. Mas, vamos falar de computadores, um mecanismo capaz de guardar muitos documentos por meio de memórias, hoje é um mecanismo muito eficiente para o homem. O computador de antigamente não havia memória capaz de guardar documentos, tanto por mim que não, os computadores de hoje são máquinas muito avançadas e não podem ficar fora da vida de uma ser humano, por guardar coisas importantes, como documentos. Por fim quero dizer um pouco sobre o celular que está no começo, um meio de comunicação muito importante para todos os seres humanos, pois é o meio mais fácil e eficiente de se comunicar com outras pessoas, de forma que a eficiência faz com que as pessoas se falem bem longe, tipo em outros países.

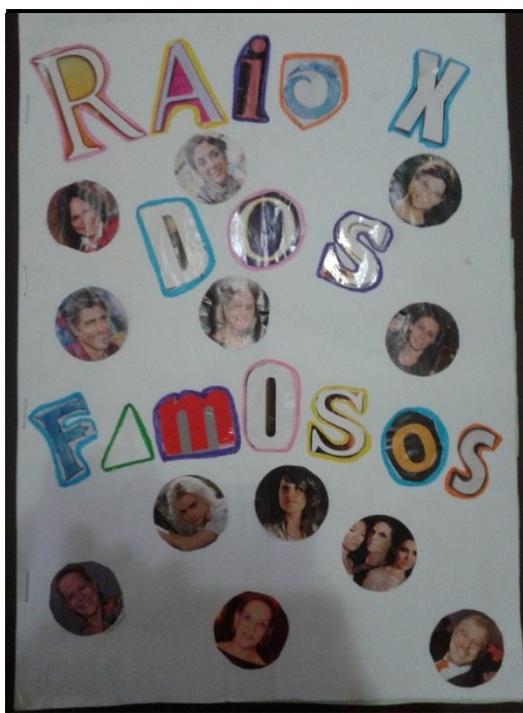
Anexo 2

Atividade em grupo¹³:

Escolher um gênero textual para produzir e o tema que será trabalhado. Em seguida, selecionar os materiais que serão utilizados e iniciar a atividade. (Observação: a atividade será realizada em 4 aulas e, para finalizar, os trabalhos deverão ser apresentados aos colegas).

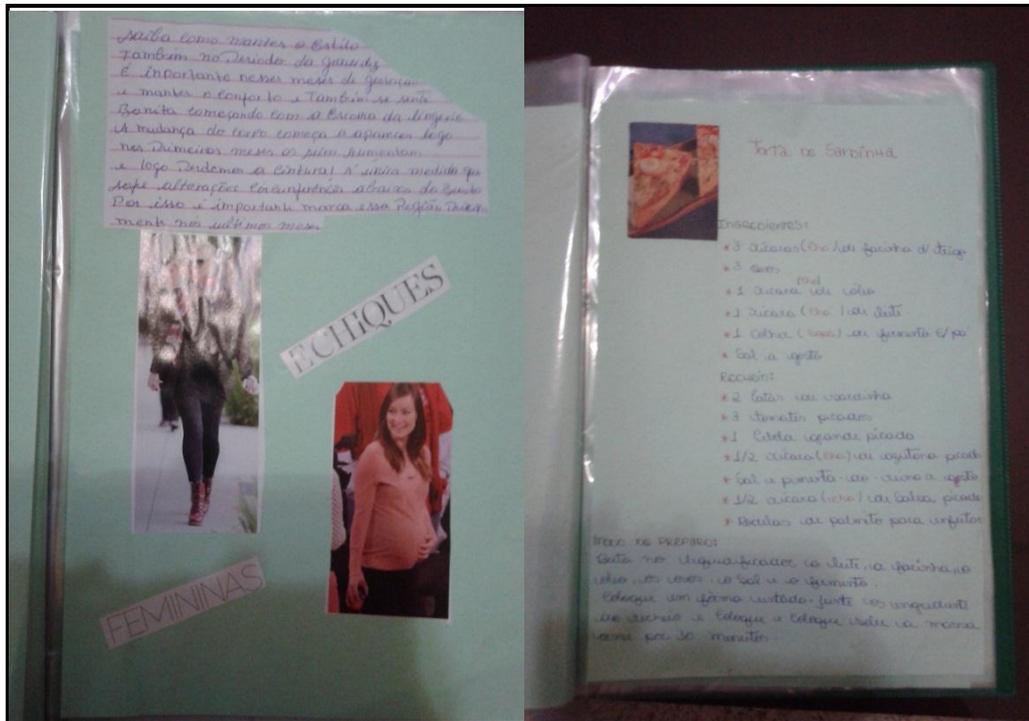
¹³ Reprodução do comando que foi passado aos alunos.

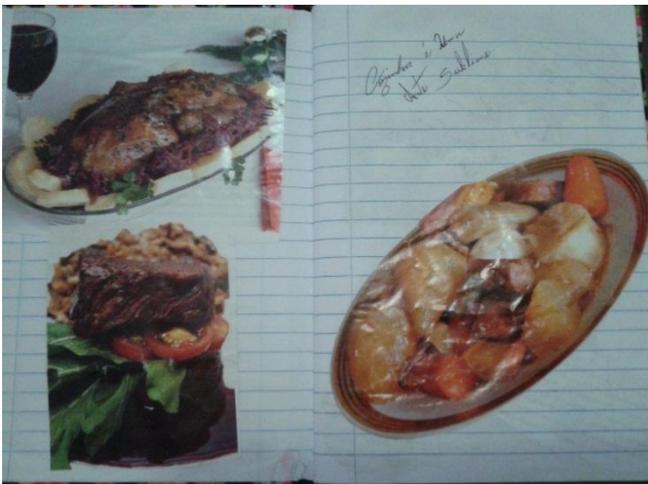
Produções¹⁴ dos alunos do grupo A:



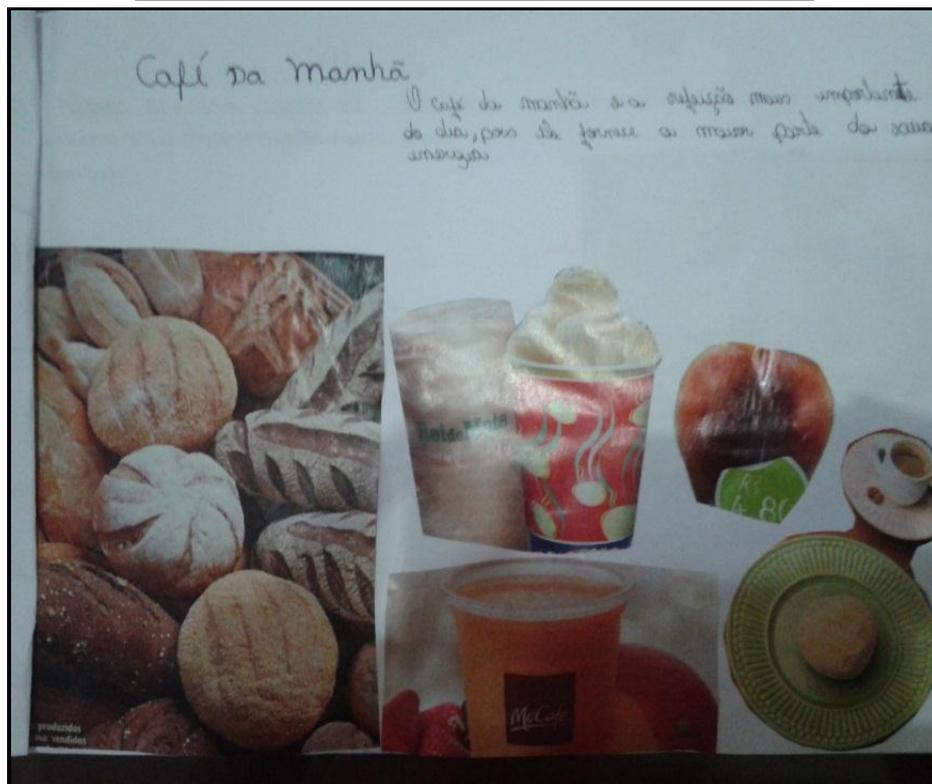
 <p>Nome: Luciano Gastão Huck nasci: 3 de setembro de 1971 (SP) Altura: 1,73 m cônjuge: Angelica (desde 2001) filhos: Benicio, Eva e Joaquim irmão: Fernando G. Huck filiação: Marta e Hermest Huck Luciano é apresentador de televisão. A 14 anos apresentou o programa "Caldeirão do Huck".</p>	 <p>Nome: Mariana Rosa nasci: 21 de agosto de 1970 (DF) Altura: 1,77 m cônjuge: Fernando Teves filhos: Artur e Lucas Rosa O início de seu envolvimento com o mundo das artes deu-se em Brasília, quando desistiu da faculdade de medicina e foi cursar Artes cênicas.</p>
 <p>Nome: Carolina Dieckmann W nasci: 16 de setembro 1977 (RJ) Altura: 1,62 m cônjuge: Tiago Worchman Filmes: Julio Simão, Upole, O Cordeiro, Onde andará Juca Vegetariano Carolina é uma atriz brasileira, celebre por suas atuações em diversas telenovelas e seriados da Rede Globo.</p>	 <p>Nome: Maria C. Casadevall Gonzales nasci: 24 de Julho de 1977 (SP) Altura: 1,76 Ocupação: atriz e modelo A atriz ficou conhecida após estreitar na novela Amor e vida. Namora o ator Celso Castilho a qual conheceu durante as filmagens de Amor e vida.</p>

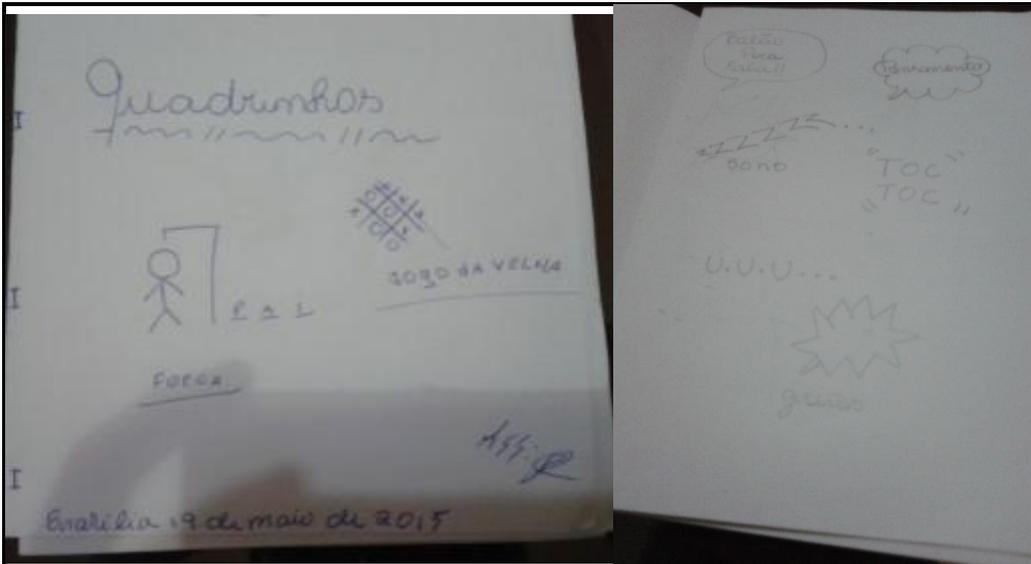
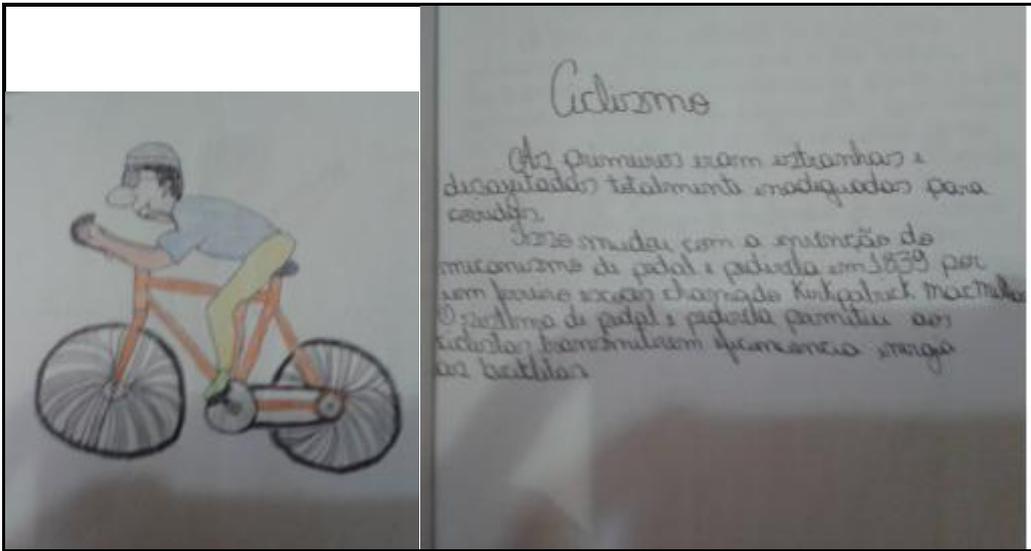
¹⁴ Foram reproduzidas as produções originais, sem a intervenção da professora.

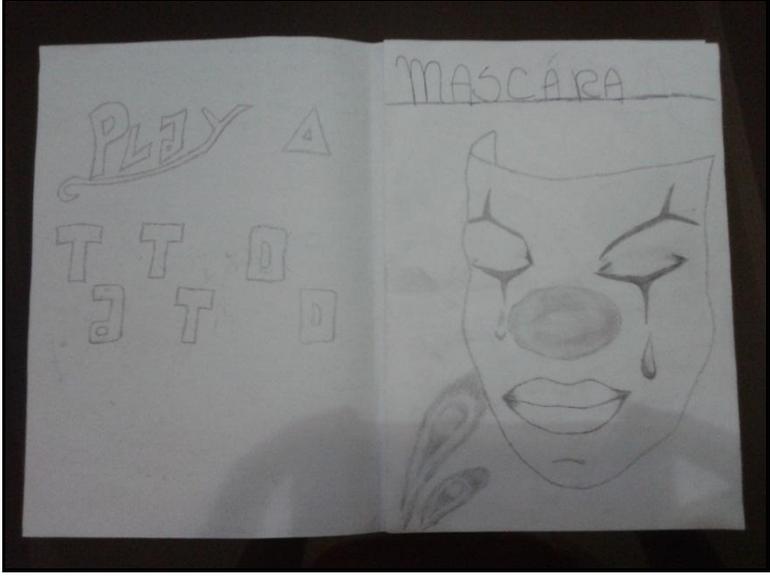


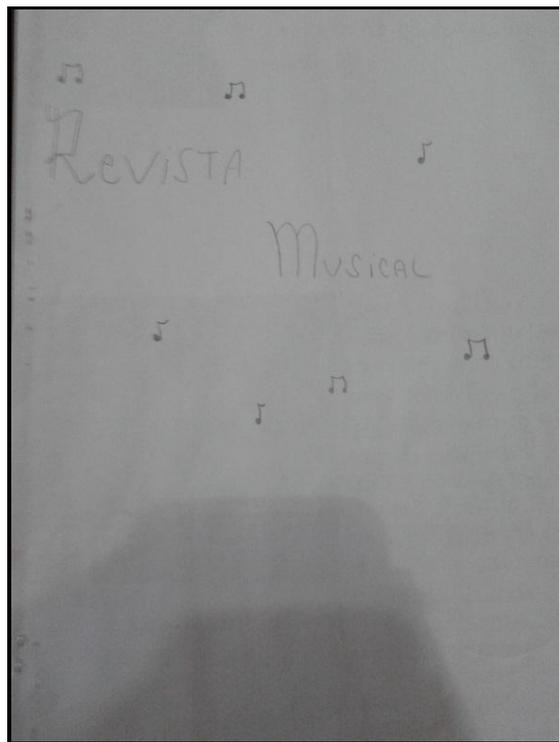


Produções dos alunos do grupo B:











Gustavo Igima
na infância cantava em feia
de seus a origem samplers fez com
que deste modo. apaixonou-se em vez
um grande cantor da música
sertaneja.



de seus.

Jorge & Mateus é uma
dupla sertaneja goiana
formada em 2005. Os artistas
Jorge Alves Barcelo e Mateus
Rocha Adriano de Oliveira,
você da cidade de #Simbira
Goias, e seus parceiros
seguem o estilo do sertanejo
universitário. A dupla já
cantou com seus alunos.
incluindo discos de estúdio